

FÉ CRISTÃ

Edição 1

Maurício Zágari

Entrevista o alienígena que veio ao mundo estudar a prática da fé cristã.

Bella Falconi

E a manifestação da feminilidade bíblica no confinamento.

Nesta edição:

Diversas colunas e artigos sobre as mais variadas áreas da vida cristã.

DESESPERO E HISTERIA

O artigo especial traz informação e sensatez sobre a pandemia. Um olhar técnico e cristão acerca do vírus.



FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta **CAPA:** Gabriel Ferreira **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta **PUBLICIDADE/DIVULGAÇÃO/PROPAGANDA:** Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 1, ano 1, nº 1, abril de 2020, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

Conteúdo

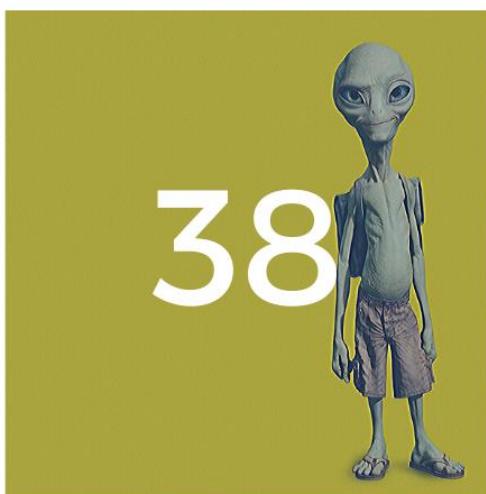
- 7 Editorial
- 8 Devocional Fé Cristã
- 10 Feminilidade bíblica
- 13 Piedade Masculina
- 15 Opinião
- 23 Fé cristã na universidade
- 26 Psicologia e fé cristã
- 28 Doutrina e prática
- 32 Fé cristã e política
- 35 Ministério e ofícios
- 45 Música na igreja
- 48 Filosofia e fé cristã
- 52 Escatologia
- 56 Apologética da fé cristã
- 60 EsPaÇo JoVeM
- 70 Ciência e fé cristã
- 73 Direito Religioso



17

DESESPERO E HISTERIA

O artigo especial traz informação e sensatez sobre a pandemia. Um olhar técnico e cristão acerca do vírus.



38

CONVERSANDO COM... O ALIENÍGENA.

Maurício Zágari entrevista o alienígena que veio ao mundo estudar a prática da fé cristã.



61

UNIDADE CRISTÃ

É possível haver unidade eclesiástica apesar da diversidade teológica?



66

PLANTAÇÃO DE IGREJAS

Rev. Magno Paterline nos instrui a respeito da necessidade sempre atual da plantação e de plantadores de Igrejas.

O CREDO APOSTÓLICO

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; e na vida eterna. Amém.





Iniciamos os trabalhos

por Marcos Motta
editor-chefe

Olá, seja bem-vindo! É com grande alegria que iniciamos os trabalhos da revista Fé Cristã, a revista cristã para a geração da era digital, da era nano, da era “não tenho tempo para estar comprando e lendo (e carregando para lá e para cá) materiais de papel, que envolvam volume, que estragam e que se perdem”.

Este projeto é o fruto, para a glória de Deus, do trabalho e da união destes irmãos e amigos, os quais Deus trouxe, um a um, para a equipe da revista - sim, o Senhor enviou “trabalhadores para a Sua obra”. Em menos de dois meses, o projeto foi suprido em praticamente todas as suas carências, com colunas sendo assumidas por “peças” especialmente ajustadas para elas, irmãos muito bem preparados para falar dos assuntos para os quais foram escalados.

Quando contei aqueles que, agora, fazem parte desta equipe, tinha em mente que propor a ideia de uma revista era o mesmo que apresentar a eles um projeto sobre algo antiquado, ultrapassado. Uma vez inseridos neste universo eletrônico dominado pelas redes sociais, quem mesmo, hoje em dia, imagina que alguém vai reservar um momento para ler uma revista? Pois bem, me surpreendi com o fato de que eu não era o único que pensava que isso poderia, de fato, acontecer.

Surge a revista Fé Cristã, feita por teólogos, pastores e aspirantes ao santo ministério, destinada especialmente para os cristãos da era virtual, os *webcrentes*, porém, recheada com muito mais do que mera teologia de internet. Reunimos um time de homens e mulheres que servem em suas igrejas locais, adeptos das mais diversas linhas teológicas e que, apesar de serem

membros das mais diferentes igrejas visíveis, são parte da única Igreja, a invisível, o Corpo de Cristo, a família da fé. Crentes que vivem santa, justa e piedosamente, que influenciam pessoas para a glória de Deus e que desejam, mais do que tudo, ver a vinda do Reino e a vontade de Deus sendo feita “assim, na terra, como é no céu”.

Deixamos para trás as polêmicas, as “tretas de internet”, a contenda e os movimentos separatistas. Se você deseja ler sobre temas ácidos e escandalosos, esta revista não é para você. Nós, pelo contrário, estamos empenhados em construir, e não em demolir. Abandonamos os velhos costumes, as disputas e debates sem fim, para avançarmos um pouco mais. Por isso, lutaremos para edificar o Reino, em prol do Reino, para a glória do Rei do Reino.

A partir de agora, estaremos sempre perto de você, em algum grupo de WhatsApp, do Telegram, em perfis no Facebook, no Instagram e no Twitter, vamos inundar a internet com aquilo de melhor que pode ser produzido pelo povo para o povo – porque, é isso que somos. Não somos figurões do mercado da fé, não temos grandes grupos editoriais em nossa retaguarda. Estamos escondidos em meio à multidão – e é assim que desejamos permanecer. Somos a mídia cristã independente. Que você possa ser abençoado e edificado por nosso esforço, eis aqui o fruto do nosso labor. Compartilhe à vontade. Comente. Reposte. Critique. Tente refutar nas redes sociais [com respeito], só não deixe de ler tudo, até o fim. Até a próxima edição. Deus abençoe você e sua família.



DEVOCIONAL FÉ CRISTÃ

O Coronavírus, o vilão, e a soberania de Deus.

“E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, e te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos, ou não.”

Deuteronômio 8:2

O assunto do momento é a pandemia provocada pelo novo coronavírus. Se você liga a TV, desde a manhã até a noite, o assunto principal é o coronavírus. Até mesmo nesta primeira edição da Revista Fé Cristã, você vai se deparar com este assunto diversas vezes. Se fala dos estragos, das pessoas que foram vítimas fatais, das pessoas que estão internadas, e há muitas projeções quanto aos futuros estragos que ainda serão causados pelo Covid-19. São tantas informações ruins, que muitos de nós queremos distância dos veículos de notícias.

O fato é que o novo coronavírus humilhou o mundo. Milhares de pessoas estão se lamentando intensa e inconsolavelmente, neste exato momento, por terem perdido parentes, amigos e empregos. Não é raro vermos, nas mídias, os poderosos governantes com seus semblantes visivelmente abatidos, sem terem [quase que] nada a dizer para a população. Tudo isso leva muitos a fazerem a seguinte indagação: qual a razão disso, Senhor?

Eu não quero, aqui, tentar penetrar na mente do Senhor para entender o que está acontecendo, isso nem é possível - sou uma pobre criatura que mal consegue compreender o próprio coração, quanto menos a mente do Senhor. Mas, temos muitas passagens bíblicas que nos dão a compreensão que precisamos sobre as razões pelas quais Deus, em Sua soberania, permite a ocorrência de coisas como essa pandemia. Uma dessas passagens é Deuteronômio 8:2.

O texto nos diz que foi Deus quem guiou o povo pelo deserto durante aqueles quarenta anos, e o Seu soberano

objetivo era expor o que havia no coração de cada israelita. Em várias ocasiões, o povo de Israel encontrou-se faminto, sedento e cansado da jornada, de maneira que, principalmente nesses momentos, mostrava ser um povo irritado e crítico. Isto não é semelhante ao que está ocorrendo em nossos dias?

O modo como reagimos às provas da vida revela o que há, de fato, dentro de nosso coração, e o fato de o coronavírus estar em nosso meio nos faz crer, pela Palavra, que estamos sendo conduzidos a passar por esta prova para que seja revelado o que está em nosso coração. Deus sabe o que há dentro do coração de Seus filhos, mas nem sempre os Seus filhos o sabem - ou querem saber.

O que mais ficou evidente nesse contexto de crise, não foi a nossa fé - visto que tivemos problemas até mesmo para nos unirmos em oração. Se não houve evidência de fé, como consequência, não encontramos muitas evidências de caridade. Infelizmente, o que ficou evidente é o quanto somos egoístas. Ver o mundo correndo para as farmácias, para os mercados, enfrentando filas desesperadamente a fim de manter as dispensas cheias, é normal - o mundo não conhece a Deus, o mundo está em trevas, perdido – ídolos como o dinheiro, o emprego e os políticos, sempre falham.

Porém, infelizmente, o que vimos, também, foi que muitos cristãos fizeram as mesmas coisas, isto é, agiram da mesma maneira que os não-cristãos. Desrespeitando a opinião diferente, correndo para mercados dominados pelo desespero, sem sequer pensarem no próximo, se humilhando e arriscando serem contaminados em longas filas nos diversos estabelecimentos comerciais regulamentados para evitarem a aglomeração de pessoas, expondo a si mesmos e a Igreja à vergonha, e até mesmo mentindo para obter alguns benefícios. Sim, no final das contas, Deus, em Sua soberania, nos guiou

por essa crise e nos mostrou que o vilão não é o coronavírus. O vilão somos nós!

Nós é que ficamos mais tempo no sofá do que suplicando a Deus. Nós é que usamos dinheiro para pagar Netflix, internet, para garantir luxo e conforto, sem sequer ajudarmos aos necessitados com um quilo de alimento. Enfim, existem inúmeros exemplos do quanto temos sido egoístas, e que somos os principais vilões de nossa história.

Por outro lado, a crise é a oportunidade perfeita para demonstrarmos o quanto cremos, confiamos e amamos a Deus e o quanto amamos o nosso próximo. Estamos perdendo a oportunidade de glorificarmos a Deus de diversas formas. Acima de tudo isso, no entanto, dou graças a Deus por sempre nos mostrar que, mesmo em meio a todo esse caos, Ele está nos guiando. Sim, Deus

não nos desampara e, mesmo em meio ao sofrimento, podemos provar o quanto Deus é bom.

No deserto, o povo teve água e maná providenciado por Deus - eles não mereciam, mas Ele proveu. Não é diferente, hoje. Deus, em Sua infinita misericórdia, reservou para Si os sete mil que não se dobraram à crise, antes, com corações movidos de compaixão, fizeram campanhas para arrecadar alimentos e ajudar os mais necessitados. Deus fez os tímidos ligarem para outros disponibilizando ajuda e recursos. Deus fez quem não é visto por ninguém passar horas suplicando misericórdia e, por meio dessas orações, o Senhor abençoou a muitos.

Ainda dá tempo de nos arrependermos, de reconhecermos o quão pecadores somos, suplicando misericórdia. Para enfim, perdoados, dispormo-nos a Deus: Eis me aqui Senhor, envia-me a mim!



Henrique Vidal, 26 anos, é membro na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Salvador – BA, onde é professor e coordenador da Escola Bíblica Dominical, e diretor de missões.

Pandemia:

A MANIFESTAÇÃO DA FEMINILIDADE BÍBLICA



Quando falamos sobre feminilidade de acordo com as Escrituras, é natural e quase automático pensarmos em Provérbios 31. Mas, o papel e a relevância da mulher são mencionados vastamente na Bíblia, desde a criação do mundo, em Gênesis, até a consumação de tudo, em Apocalipse. Devemos concordar que Provérbios 31 nos traz informações mais diretas sobre a mulher segundo o coração de Deus, entretanto, essa mulher também é encontrada em Débora, em Ester, em Rute, e em muitas outras. Existem muitas personagens preciosas nas Escrituras e, talvez, seja mais proveitoso extraímos um pouco das características de cada uma delas a fim de chegarmos a um modelo ideal para sobrevivermos a essa pandemia, visto que a grande maioria das mulheres está passando 24 horas por dia na companhia de esposo e filhos, em reclusão dentro de casa.

Antes de mais nada, precisamos enfatizar que só existe um que é perfeito, a saber, Deus. Buscar a perfeição não somente é irrealista como também é uma loucura. Não podemos tentar alcançar padrões inexistentes. Contudo, devemos buscar, todos os dias, nos aproximarmos dos padrões bíblicos propostos para todos os crentes em Cristo Jesus. No entanto, isso ainda não é a perfeição. Passaremos por momentos turbulentos ao longo de nossa caminhada. Erraremos. Acertaremos. Perderemos

o controle e ganharemos as rédeas da situação em muitas vezes, também. O importante é não tirar os olhos do alvo, é não subestimar a importância da santificação na caminhada cristã, seja você homem ou mulher.

A fé nos justifica, mas por si só não nos santifica. Concordo com J. C. Ryle, quando diz que somos justificados apenas pelo crer e isso é um presente totalmente imerecido, conquistado por Jesus no Calvário. Todavia, a santificação requer esforço e um desejo ardente e infundável de sermos pessoas melhores. Paulo nos deixa bastante claro que a vida cristã é uma batalha: carne contra espírito, o tempo todo. Nosso corpo foi vendido como escravo ao pecado, ao passo que nosso espírito clama pela presença do Criador. Na justificação, a palavra de ordem é: creia e será justificado. Na santificação, a palavra de ordem deve ser: vigie, ore, lute. O autor de Hebreus nos garante que sem santificação ninguém verá o Senhor. Devemos, portanto, buscá-la em todo o tempo, sabendo que a vida cristã aqui na terra não será proveitosa a menos que compreendamos o verdadeiro conceito de santidade.

A verdadeira santidade, diferente da justificação, não consiste apenas em crer, mas em atos que resultam em uma demonstração prática da graça ativa e passiva. Podemos dizer que a forma como falamos, como nos portamos, a nossa conduta como cônjuges, pais, patrões,

empregados, governantes e governados, nossa postura na abundância e na escassez, na saúde e na doença, enfim, tudo isso está intimamente ligado à santidade ou à total ausência dela. A santidade denota características de Cristo que podem ser observadas e testadas em nossa vida. E qual seria o momento mais propício para observarmos isso senão durante uma crise global?

Quanto maior a graça recebida, maior a humildade. E quanto maior a comunhão com o Espírito, maior a mansidão e a longanimidade. A verdadeira feminilidade bíblica nos traz um panorama de diversos conceitos, dentro dos quais podemos citar:

- ➔ a mulher sábia que edifica a casa (Provérbios 14:1) e que seguramente não busca sabedoria em si própria, na confiança de que é Deus quem a dá (Tiago 1:5);
- ➔ a mulher que abre a boca com sabedoria (Provérbios 31: 26), compreendendo a importância de ser tardia em irar-se (Tiago 1:19) e de ouvir com atenção antes de responder (Provérbios 18:13);
- ➔ a mulher que comprehende o honroso papel da submissão no casamento (Efésios 5:22), porque



Não é possível para uma mulher manifestar a verdadeira feminilidade bíblica sem antes ter sido justificada por Cristo, regenerada pelo Espírito, ter crido em Deus e buscado santidade.

entende, de todo o coração, que todos somos chamados a sujeitar-nos uns aos outros por temor a Cristo (Efésios 5:21) e que submissão não significa subserviência;

- ➔ a mulher que comprehende seu papel em sua casa, de ser o coração do lar e a auxiliadora idônea de seu esposo, não se tornando, portanto, uma criadora de confusão e nem mesmo alguém que busca competir com seu esposo, pois comprehende seu papel e o papel do seu esposo e isso lhe traz alegria;
- ➔ a mulher que não deixa “se pôr o sol sobre sua ira” (Efésios 4:26), buscando soluções coerentes e mansas para os problemas conjugais, com amor e por amor a Cristo;
- ➔ a mulher que vive de forma cristocêntrica e tem Jesus como principal convidado em seu casamento, sabendo que Ele opera milagres onde estiver presente (João 2:1-11);



- ➔ a mulher que é fiel ao seu esposo e sente prazer em considerar os outros superiores a ela mesma porque tem a humildade do evangelho e não busca alimentar seu próprio ego ou ambição (Filipenses 2:3);
- ➔ e, por fim, a mulher que se alegra em instruir outras mulheres com amor e de acordo com a Palavra de Deus (Tito 2:3-8).

Perceba que, para chegarmos a esses breves exemplos, não nos utilizamos apenas daquelas passagens bíblicas que são direcionadas especificamente às mulheres. É importante sabermos que a concepção do que é uma mulher bíblicamente ideal não pode ser apreendida apenas dos versículos cuja mensagem cita de forma direta as mulheres, mas em toda a Escritura Sagrada.

Não podemos negar que a verdadeira feminilidade bíblica como vimos, provém de uma perfeita comunhão com Deus (Provérbios 31:30). Não é possível para uma mulher manifestar a verdadeira feminilidade bíblica sem antes ter sido justificada por Cristo, regenerada pelo Espírito, ter crido em Deus e buscado santidade. Ou seja, sem que haja justificação, regeneração e santificação, não haverá mulher proverbiana e nem mesmo um homem segundo o coração de Deus.

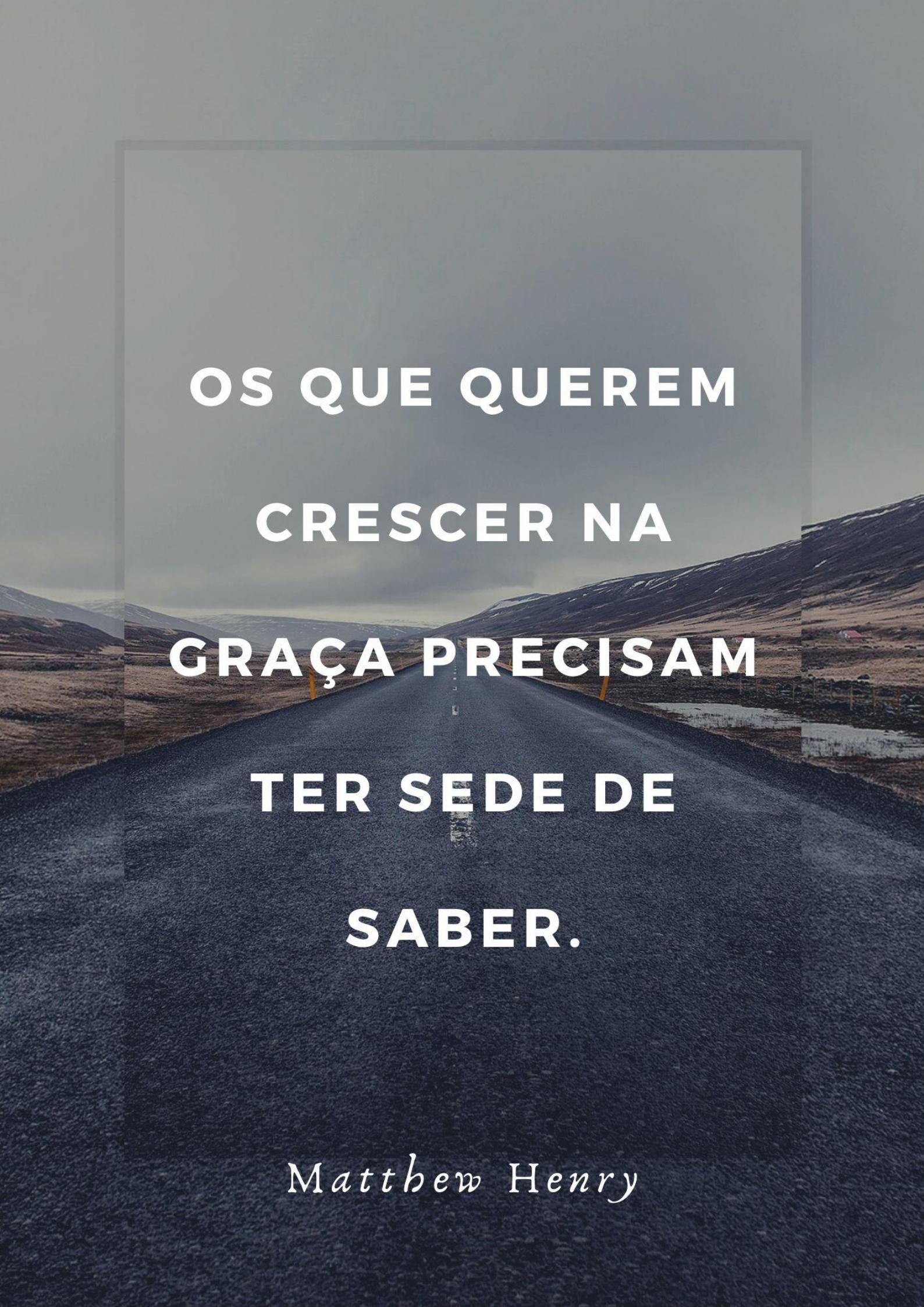
Vivemos em uma sociedade onde as mulheres são levadas a acreditar que precisam entrar em conflito com os homens em busca de uma igualdade de papéis, mas não é isso o que o verdadeiro cristianismo ensina. O cristianismo nos ensina que, perante Deus, não existe diferença entre homem e mulher - ambos são igualmente importantes e amados pelo Pai, todavia, recebendo papéis distintos no lar, na Igreja e na sociedade. Isso não quer dizer que a mulher tenha sido criada para ser apenas a rainha do lar, mas para desenvolver um papel importante na história, de acordo com os parâmetros de Deus. Basta lermos o Gênesis para entender o que isso quer dizer: “*não é bom que o homem fique só*”. E, a partir daí, sabemos que a mulher

entra em cena com um papel extremamente relevante e fundamental na história. No entanto, enquanto as mulheres buscarem equiparar papéis com os homens de forma competitiva, não haverá possibilidade alguma de vivermos aquilo que Deus nos chamou para viver. Não haverá harmonia no lar. Não haverá harmonia na Igreja. Não haverá harmonia na sociedade. E, infelizmente, é isso que temos vivido.

Portanto, em tempos de pandemia e crise mundial, que possamos refletir acerca desses fatos e que passemos a mergulhar na verdade de Deus, que é a Sua Palavra, para que a vontade de Deus para nós esteja encravada em nosso coração. Sua vontade é a nossa santificação (1 Tessalonicenses 4:3). Jesus não morreu de forma expiatória apenas para nos livrar da culpa do pecado, mas, para nos livrar também do domínio do pecado. Ele fez tudo quanto era necessário para Seu povo e isso inclui nossa santificação, por meio da obra do Espírito Santo. Que possamos, então, nos lembrar todos os dias que todo e qualquer sentimento que nos afasta do querer de Deus para cada uma de nós é fruto do pecado, contra o qual devemos lutar todos os dias - vigiando, orando, nos alimentando do alimento espiritual e buscando o enchimento do Espírito Santo de Deus. Sem que esses importantes passos sejam observados, me atrevo a dizer que se torna impossível alcançar a feminilidade bíblica, para a qual somos chamadas, e que os tempos de crise não somente irão agravar aquilo de ruim que há dentro de nós, mas também hão de dissolver os nossos relacionamentos, como consequência desse agravamento.



Bella Falconi congrega na Igreja Presbiteriana de Pinheiros, São Paulo – SP. É palestrante, Bacharel e Mestre em Nutrição e Pós-graduanda em Teologia Sistemática.



**OS QUE QUEREM
CRESCER NA
GRAÇA PRECISAM
TER SEDE DE
SABER.**

Matthew Henry

JESUS,

e somente Jesus, foi homem com "H" maiúsculo

"Se vamos pensar sobre masculinidade que seja então partindo do Único que é verdadeiramente homem na sua plenitude."

O conceito de “Justiça segundo Deus” é claro nas Escrituras. No que diz respeito ao homem, este deve amar a Deus de todo o seu coração, entendimento e forças, e amar ao seu semelhante como a si mesmo. Para Deus, um mundo justo é um mundo

onde Ele é reconhecido de acordo com a Glória que de fato possui, isto é, onde Ele é digno de ser plenamente amado, e quando isso acontece, se alguém ama a Deus com todo seu ser, consequentemente amará àquilo que Deus ama, e não há nada que Deus ame mais do que seres humanos nesta terra.

Logo, o homem considerado perfeito é o homem que ama perfeitamente a Deus e àqueles que são membros da sua espécie, ou seja, toda a raça humana. Por isso Jesus, e somente Jesus, foi Homem com “H” maiúsculo. Nunca houve outro homem que caminhasse sobre este planeta que fosse tão digno de ser chamado homem como Jesus o é.

Se vamos pensar sobre masculinidade que seja então partindo do Único que é verdadeiramente homem na sua plenitude. Ser homem na plenitude significa ser santo, que consiste em se amar a Deus e ao próximo perfeitamente, este é o propósito final do ser-se humano. A dignidade da humanidade reside exatamente aí, em se amar a Deus e ao próximo, em ser-se santo. No entanto,

ninguém pode realizar esta tarefa se não receber do próprio Deus este Dom. As responsabilidades masculinas refletem a imagem de um Deus que é Criador e Sustentador, e isso significa que todo homem nasceu para ser tanto um provedor quanto um cuidador, igualmente, e isso em todas as estruturas criadas por Deus, a saber, na família, na igreja e na comunidade. Tal coisa requer amor a todas as criaturas de Deus, todavia, amar não apenas é algo difícil, é impossível! Há somente Um que se chame Amor, somente Ele ama perfeitamente, de maneira que nossa única conclusão aqui é que, para sermos homens, precisamos de um milagre. Esse milagre pode acontecer e acontece todos os dias.

O desafio de cada homem consiste em primeiro se fazer pobre de espírito e recolher o seu maná diário para poder caminhar sobre este deserto árido de guerras e dor, sobre este mundo, que é um vale de lágrimas, sem perder a fé, a esperança e o amor, sem perder a alma! Os desafios são imensos: devemos amar nossas esposas e filhos, e fazer com que a missão de nossas vidas seja fazer a vida deles verdadeiramente feliz. Isso implica em prover espiritualmente, emocionalmente e fisicamente, ao mesmo tempo em que somos chamados a nos doar, a serviço deles, com todo nosso tempo, recursos e dons, pois eles são os nossos próximos mais próximos, sem falar que também devemos expandir esse amor até a Igreja e, por fim, à sociedade em geral.

Jesus disse que sem Ele nada podemos fazer (João 15:5). Hoje, entendo que na verdade até mesmo quando faço, não sou eu quem faz, mas Ele em mim. Paulo entendeu isso e disse que trabalhou como ninguém, depois corrigiu, percebeu que não fora ele, mas a Graça de Deus, isto é, era o Seu Espírito Quem operava nele todo querer, cada ação, palavra, dom e boa dádiva (1 Coríntios 15:10).

Espero que você entenda isso, que nós não conseguimos ser pastores, mas Jesus pode pastorear por meio de nós; não conseguimos ser maridos, mas Jesus pode ser por meio de nós; não conseguimos ser pais, mas Jesus pode ser por meio de nós; também não conseguiremos servir, amar e dar nossas vidas em favor de outras pessoas, não conseguimos resistir às tentações e muito menos às traições, as pancadas e as lutas dessa vida, mas Jesus em nós pode, e Ele já o fez. Em tudo, Ele foi tentado, sofreu todas as dores, Ele é experiente, experimentado, passou por cada etapa que passamos, lutou cada luta que lutamos, enfrentou cada trauma que enfrentamos, inclusive as culpas que carregamos, e pelo Espírito, tudo derrotou, tudo venceu, não perdeu a fé, nem a esperança e muito menos o amor.

Gostaria de terminar lhe encorajando a separar um tempo diário, de preferência no início de cada dia, para colocar diante do Senhor todos os seus desafios humanamente impossíveis, mas que são plenamente possíveis para Jesus, e experimentar a alegria da salvação que consiste em uma vida que é vivida para a Sua Glória, como um Homem de Deus, pegando emprestado este “H” maiúsculo de Jesus, para, assim como Ele, ver os seus inimigos se tornarem em nada!



Rafael Ribas graduou-se em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana. Plantou a Igreja Batista da Graça, em Santa Maria – RS, onde foi pastor durante 5 anos. Hoje, faz parte do time de pastores da Igreja Acção Bíblica, de Faro, em Portugal, onde se dedica integralmente ao plantio de duas novas igrejas e a projetos com pessoas em estado de vulnerabilidade social por meio Associação BeAlive.



CELEBRAR SACRAMENTOS VIA INTERNET?

Durante essa pandemia global, muitas foram as esquisitices que surgiram no meio cristão. Dentre as várias bizarrices que surgiram, as mais chocantes, sem dúvida, foram as celebrações de Ceia e de Batismo via internet – ou a tentativa de realizar estas. As redes sociais foram transformadas em mediadores necessários para a realização dos sacramentos. Muitos líderes deixaram claro que não conhecem os benefícios e as bônus de celebrar a Ceia do Senhor; isto é, a comunhão e ajuntamento dos santos. A certa altura, alguns podem até perguntar o por que de não podermos celebrar a Ceia do Senhor pela internet. E a razão para isto é simples: a própria Palavra de Deus “*se fez carne e habitou entre nós*” (João 1:14).

Posso ilustrar melhor: o mesmo corpo que foi partido na crucificação pelo perdão de nossos pecados, antes fora colocado em uma manjedoura, quando do seu nascimento. Essa analogia representa perfeitamente o ajuntamento dos santos. Assim como estiveram os anjos, Maria, José, pastores humildes e viajantes sábios, todos reunidos em torno desse Deus colocado em uma manjedoura, devemos nos juntar para celebrar a Ceia do Senhor: “*Ele se fez carne e habitou entre nós*” (João 1:14). O Deus Santo, soberano sobre tudo o que existe, deitado em uma caixa de madeira como uma refeição para ovelhas. Um banquete para os pecadores. Um banquete para mendigos. A imagem é impressionante e reconhecidamente escandalosa.

Quero destacar algo: uma manjedoura é uma cocheira de alimentação de animais. Seu nome vem do termo latino “*manducare*” que significa “comer”. Sabemos que a cidade onde essa manjedoura estava localizada era Belém, que quer dizer “Casa do Pão”. Também sabemos que Jesus se refere a si mesmo dizendo: “*Eu sou o pão da vida*”, (João 6:35) e “*Eu sou o pão que desceu do céu*” (João 6:41). O Pão da Vida desceu do céu à Casa do Pão para ser colocado em uma manjedoura, como uma refeição para ovelhas. O Criador de todas as coisas se humilhou a ponto de ser colocado em uma cocheira onde animais sujos vão comer. Esses animais não vão

**“ELE É A RAZÃO PELA
QUAL DEVEMOS MANTER
A CELEBRAÇÃO DA CEIA
DO SENHOR COMO ALGO
COLETIVO, OFERECIDO A
TODA A COMUNIDADE
LOCAL DE CREDITES.”**

para preparar uma refeição, a sua própria, mas para receberem o que foi preparado para eles. Eles vão à manjedoura para serem alimentados. Olhe para Belém, para a “Casa do Pão”. Os pobres pastores estão lá. E hostes de anjos estão lá. Todos reunidos em volta da mesa mais humilde onde o Pão da Vida, que desceu do céu, foi colocado.

Algumas pessoas ficaram totalmente escandalizadas quando Jesus disse: “*Quem come minha carne e bebe meu sangue viverá para sempre*” (João 6:52-58). A questão aqui é que nós, como Igreja, chegamos ao altar do Senhor para recebermos o que foi preparado para nós. Somos ovelhas que vêm comer do que nosso Bom Pastor nos deu. E Ele nos deu a Si mesmo! Somos pecadores esperando a festa da salvação. Somos mendigos famintos esperando o banquete diante de nós. É um mistério que o Verbo se tornou carne. É um mistério que a carne e o sangue de Cristo estão ocultos, com e sob o pão e o vinho da Ceia do Senhor! Que mistério! Que honra! Há tanta discussão sobre como isso acontece, mas tanta ignorância quanto ao fato de que isso de fato acontece! Transubstanciação, consubstanciação? Quem sabe? O fato é que em todas as vezes que você recebe o Sacramento, você tem um encontro físico e pessoal com o Filho de Deus. Você tem perdão nos seus lábios. Salvação na sua língua. Por isso, provamos e vemos “*que o Senhor é bom*” (Salmo 34: 8).

Se nos ajoelhamos no trilho da comunhão ou recebemos a comunhão através da distribuição coletiva, devemos comer e beber este Sacramento juntos. Quando comungamos com nossos irmãos e irmãs em Cristo, não estamos tolerando seus pecados mais do que eles estão perdoando os nossos, de modo que Jesus nos dá Seu corpo e sangue para remissão dos pecados, não para defendê-los. O perdão que recebemos por meio do corpo e do sangue de Jesus é o mesmo perdão que nossos irmãos e irmãs em Cristo recebem. No altar,

Deus se une a nós como um só - compartilhamos o mesmo corpo e sangue, o mesmo perdão dos pecados, a mesma paz com Deus que excede todo entendimento.

A verdade é que tudo sobre a Ceia do Senhor aponta silenciosamente para a maneira extraordinária e humilde com que Ele pretende continuar vindo até nós. De uma maneira muito real, e toda vez que recebemos a Ceia do Senhor, estamos experimentando-O novamente, e aguardando-O até que Ele venha. A Palavra se tornou carne para nós, este pão do céu se doando para nós pecadores repetidamente. Ele é a razão pela qual devemos manter a celebração da Ceia do Senhor como algo coletivo, oferecido a toda a comunidade local de crentes. É impossível, portanto, celebrarmos este Sacramento virtualmente.

Quando recordamos a harmonia da Palavra se tornando carne e sendo colocada em uma manjedoura e o Filho de Deus de carne e sangue sendo colocado sobre o altar, por que pensamos que podemos receber o Sacramento sem nos reunirmos como um só Corpo? Esta é uma refeição preparada para nós. É uma refeição que compartilhamos com nossos irmãos e irmãs na fé. É uma refeição de perdão através d’Aquele que foi colocado em uma manjedoura, para que Ele pudesse ser o Cristo colocado na cruz, para que Ele pudesse ser o Cristo ressuscitado da sepultura, para que Ele pudesse ser o Cristo colocado no altar da comunhão, para que pecadores reunidos pudesse alimentar-se do Pão da Vida.



Frankle Bruno é bacharelando em teologia pela Faterge - Faculdade de Teologia Reformada de Genebra.

ARTIGO DO MÊS

DESESPERO E HISTERIA

"QUIETAI-VOS E SABEI QUE EU SOU DEUS"

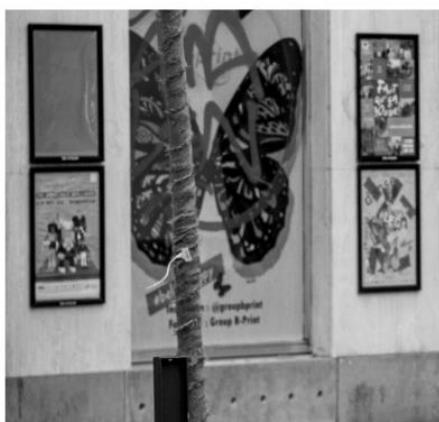


Essa é nossa primeira edição da revista Fé Cristã, de maneira que me sinto muito feliz de estar escrevendo esse artigo para vocês. No caso, como era de se esperar, em tempos de quarentena, pandemia, e em meio, até certo ponto, de uma crise mundial, o assunto de nosso primeiro Artigo do Mês não poderia ser outro: o novo coronavírus, ou COVID-19, como queiram chamar.

de cunho econômico, antes, devemos escolher um meio-termo, a fim de que o país não entre em colapso sobre seu próprio eixo e o mínimo de mortes ocorram (sim, um número mínimo, pois, de modo geral, as mortes são inevitáveis).

Durante o artigo, veremos o que é um vírus de fato, ou pelo menos o conceito científico mais claro quanto a isso. Posteriormente, trataremos sobre sua ação no

trabalhos realizados até o momento é de linha mais conservadora, isto é, a parcela muito maior é a de pesquisas que não definem o vírus dessa maneira, como um ser vivo. E é assim que fazemos ciência: quem apresenta mais quantidade de provas e provas mais convincentes deve ser levado em consideração. Sendo assim, vamos levar em consideração a definição geral, ensinada na maior parte das



Pois bem, não falaremos única e exclusivamente sobre o vírus. Já existe muito conteúdo sobre ele disperso em diversos meios - alguns sensacionalistas, outros racionais, outros menosprezando a situação em si. Além disso, no que tange ao ambiente nacional, o problema não é apenas o vírus, mas, infelizmente, sua utilização como arma político-ideológica - sem falar do enorme desespero que tem sido promovido pela grande mídia e pessoas atreladas a ela. É com peso no coração que constatamos que nossa situação relacionada a este vírus e à crise mundial por ele causada é agravada por questões econômicas, sociais, políticas e midiáticas que dificultam [e muito] a solução do problema em território nacional. Diante disso, não podemos buscar uma solução relacionada unicamente à saúde ou unicamente

organismo e, por fim, abordaremos a questão do vírus em si. Uma vez inteirados acerca do vilão propriamente dito, buscaremos analisar seus números até o momento, analisando-os em paralelo com as demais pandemias e epidemias da história, compreendendo seus sintomas, o que é realmente um grupo de risco, seu verdadeiro risco e perigos, o que as Escrituras nos dizem sobre essas epidemias e como podemos reagir em meio à esta crise. Devemos depender do estado ou não? Temos que ficar em casa ou trabalhar? Vamos ver tudo isso, no decorrer do artigo.

O que é um vírus?

Embora consigamos encontrar algumas novas linhas de pesquisa defendendo o vírus como um tipo de ser vivo, a grande maioria dos



“**PASSAMOS POR MAIS DE
20 ANOS SENDO
ROUBADOS EM MILHÕES,
[HÁ DESVIOS QUE AINDA
ESTÃO SENDO
DESCOBERTOS], E TEMOS
UM CONJUNTO DE
GOVERNANTES DIVIDIDOS
ENTRE O GRUPO DOS QUE
QUEREM CONTINUAR COM
EXTORSÕES E CORRUPÇÃO
PARA APROVAR LEIS
BASEANDO-SE EM
“ARTICULAÇÃO POLÍTICA”,
[TAMBÉM CONHECIDA POR
PROPINA]...**”

“**66**

ARTIGO DO MÊS

universidades, sobre os vírus: originalmente, no latim, seu nome é utilizado para definir qualquer toxina, ou fluído venenoso. Em termos científicos, podemos defini-lo como uma partícula de proteínas (principalmente seu material genético e cápsula) que pode infectar organismos vivos. Em suma, os vírus são parasitas obrigatórios, o que significa que não possuem capacidade de reprodução, necessitando de um



organismo mais complexo para se multiplicar (uma das razões de não serem considerados como seres vivos). Eles podem possuir DNA ou RNA para transmitir suas informações genéticas, ou os dois. Devido à sua simplicidade e alta taxa de reprodução, as mutações ocorrem muito rápido. Podemos ver isso no vírus da gripe, para o qual sempre existem vacinas disponíveis, mas que, mesmo assim, permanece sendo um vírus que pode ser contraído em quase todos os anos. Também vemos isso com o coronavírus: este vírus que surgiu na China, não possui os mesmos efeitos no Oriente Médio, Itália e Brasil, sofrendo variações endêmicas. Uma vez infectando um indivíduo, em específico as suas células, o vírus geneticamente modifica o mecanismo de multiplicação dessas células a fim de produzir seu próprio material

virulento e assim multiplicar o mesmo ao invés do material da própria célula, levando a célula à morte, à exaustão, ao rompimento de organelas devido à sua multiplicação desordenada, entre outros efeitos. Essas modificações de nível microscópico fazem alterações no corpo de maneira clara, causando febre, resfriados, tosses secas, tosses com sangue, ou mesmo insuficiência respiratória, como vemos no caso das mortes provocadas por coronavírus.

Então, temos o “agente perfeito” para um filme de ficção científica, horror científico, ou ação: uma espécie de “arma biológica natural” (ou não), com alta taxa de transmissão e mutação, sendo quase impossível controlar o seu alastramento e sua modificação, o que pode facilitar a utilização do vírus como uma arma, levando à morte milhares, milhões, dezenas de milhões de pessoas.

Basicamente, isso é um vírus: um parasita intracelular não-vivo “buscando” a própria multiplicação e destruindo o hospedeiro no percurso. Voltando ao caso do coronavírus, seus sintomas principais são, como já relacionado acima: tosse, febre, cansaço e dificuldade para respirar (em casos graves). Em uma quantidade menor de casos, é possível encontrarmos diarreia e dores abdominais relacionadas com o vírus, além de olhos vermelhos, coceira e conjuntivite. Os problemas gastrointestinais surgem em menos de 17% dos casos, e em outro estudo, de 1099 infectados, apenas 9 tiveram os

distúrbios oftalmológicos. Tendo em vista os sintomas, podemos compreender como funciona o grupo de risco: pessoas que podem ter seus sintomas agravados, o que os levará à morte. Simples assim. Idosos e pessoas com doenças crônicas (insuficiência renal, doença respiratória), doenças cardiovasculares, diabéticos, hipertensos, fumantes (por razões óbvias de aumento do efeito dos sintomas por causa de sua saúde já debilitada), pessoas com imunidade mais baixa ou saúde já debilitada (semelhante ao grupo anterior), profissionais da área da saúde (devido à quantidade de vezes que são expostos ao vírus, as probabilidades de contaminação e morte são maiores), crianças (devido à sua saúde frágil e ao fato de que os órgãos, em muitas vezes, ainda não estão maduros ou porque o sistema imunológico ainda não está preparado para doenças. Devemos lembrar, também, o risco que correm os filhos de “pais anti-vacina”). Esse grupo nos serve para indicar os maiores riscos, não os únicos. Isso significa que pessoas fora desse grupo não podem morrer? Não, significa que suas chances são menores (levando em conta a taxa de mortalidade atual em nosso país, isto é, do momento em que o artigo foi elaborado, que está abaixo de 5%, muito menor do que qualquer doença já nativa de nosso país, as chances de morte de alguém que não esteja no grupo de risco seria ainda menor, beirando menos de 1%). Isso significa que uma pessoa do grupo de risco que está contaminada automaticamente está condenada à morte? Também não. Significa que suas chances de sobrevivência são menores (há mesmo casos de idosos em nosso país que se recuperaram, como o caso do Gal. Augusto Heleno, Chefe do

ARTIGO DO MÊS

Gabinete de Segurança Institucional do Brasil).

Os grupos têm esse nome justamente por isso: os riscos são maiores, mas não necessariamente fatais, caso contrário, seriam chamados de grupo de condenados. Todavia, ambos - tanto grupos de risco como grupos de “infetados padrão”, devem atentar para as medidas cautelares e preventivas, em virtude não apenas da preservação dos próprios indivíduos que os compõem, mas também, tendo em vista seus familiares, amigos, colegas, e demais pessoas com quem se relacionam todos os dias.

Agora que juntamos algumas poucas informações sobre o vírus e, em específico, sobre o foco de nosso artigo, vejamos um pouco sobre sua classificação: ele foi classificado como uma pandemia, uma doença que, resumidamente, se torna uma ameaça em escala mundial. Vamos verificar agora, algumas mortes provocadas por outras pandemias.

Varíola: em uma época sem vacinas, levou à morte um número incontável de pessoas. Literalmente incontável, devido à dificuldade estatística da época. Porém, sabemos que o número de mortes foi maior do que 500 milhões, exterminando, por exemplo, os indígenas, nas Américas, a menos de 5% de sua população total. Peste bubônica: levou à morte entre 75 e 200 milhões de pessoas.

Os surtos dessas duas doenças aconteceram em períodos em que não se tinha muito conhecimento sobre hábitos saudáveis e de higiene, não existia vacinas e a medicina era muito inferior comparada à de hoje. Tais fatores

podem, com certeza, ter agravado a situação, assim como, hoje, temos um outro agravante: a quantidade de pessoas em grupo de risco, principalmente em países como a Itália, que tem um sistema de saúde com condições inferiores às do nosso Brasil e com uma população idosa que passa da casa dos 20%. Há uma argumentação corrente de que devemos julgar as mortes pelo coronavírus em relação à uma doença do passado com condições e características semelhantes, e ainda, que devemos esperar a crise

setenta mil e não milhões) - o total de recuperados passou de 260 mil. Os números não mentem: dentre as pandemias, as baixas provocadas pelo coronavírus são ínfimas. E isso se deve a diversos fatores: os sintomas provocados, sua taxa de fatalidade (em um cálculo simples, a taxa de mortalidade está entre 5 e 6%, baixíssima, comparada com as demais), o avanço da tecnologia da informação e medicina atual, e o fato de as medidas preventivas serem tomadas em grande escala, isolando muitas comunidades, com



passar para compará-lo com outras pandemias. Pois bem, vamos comparar esta pandemia com outra, que está acontecendo simultaneamente, em todo o mundo, por anos, e ainda não possui cura: a AIDS.

A AIDS matou mais de 30 milhões de pessoas até hoje, e continua matando. Existem muitas outras epidemias menores, surtos de doenças, como peste bubônica, que retornam em outras datas, como na praga de Justiniano, que matou cerca de 25 milhões, como a gripe espanhola que matou em torno de 50 milhões, como a gripe asiática que matou 2 milhões, entre várias outras. Enquanto isso, na pandemia atual, do coronavírus, ou COVID-19, os contaminados estão entre 1.273.794 [menos de dois milhões], enquanto o número de mortos está abaixo de 70 mil (sim,

cada país agindo a partir de sua realidade e possibilidades.

Mas a tendência não é piorar? Graças a Deus, não: as contaminações na china diminuíram e as mortes estão deixando de ocorrer, a curva de contaminação da Itália também tem diminuído (inclusive, lidando com estatísticas, a previsão do governo é que os números de contaminados fosse dez vezes maior, porém não conseguiram comprovar. Isso diminuiria a mortalidade de 9% para 0,9%). A Espanha também tem apresentado regressão das contaminações. O quadro tem melhorado nos países.

Por outro lado, nada disso é razão para, simplesmente, abrirmos todas as fronteiras e vivermos nossas vidas normalmente, afinal, o vírus ainda circula, e quanto mais

circula, mais se multiplica e sofre mutações, podendo ficar ainda mais perigoso, ou, ainda, o sistema imunológico dos afetados criar imunidades. Todavia, essas duas possibilidades são impalpáveis e variáveis demais para serem explicadas nesse artigo.

Nós, porém, devemos manter os cuidados de saúde básicos, a esterilização e, na medida do possível, a quarentena. O que isso significa? Que devemos trabalhar e, ao mesmo tempo, fazer o máximo possível para evitar contatos, aglomerações, tomando todos estes cuidados citados acima. Infelizmente, nosso país não possui uma economia estável como França, Inglaterra, entre outros, de maneira que não temos suporte financeiro para prolongarmos nossa situação atual. Passamos por mais de 20 anos sendo roubados em milhões, [há desvios que ainda estão sendo descobertos], e temos um conjunto de governantes divididos entre o grupo dos que querem continuar com extorsões e corrupção para aprovar leis baseando-se em “articulação política” [também conhecida por propina], em troca de favores e cargos, e o grupo dos que pretendem fazer as coisas do jeito certo. “O Brasil não é um país para amadores”, já disse o ditado popular. Além disso, vivemos em um estado democrático, não temos o controle de empresas e população em países como tem a China, que, deixando as teorias de conspiração de lado, é um regime ditatorial que controla sua população e suas empresas, além de ter uma economia extremamente sólida para ser fechada, virtualmente, por todo o tempo necessário. Não somos como a Coréia do Norte que, em um crime insano, decretou que os contaminados pelo vírus deveriam ser exterminados. Eis o

fruto de uma nação com ciência, mas sem o mínimo conhecimento de Deus e de moral, que está há décadas em primeiro lugar no ranking de perseguição a cristãos. Não surpreende.

Nosso país é dependente de moeda estrangeira, dependente de empresas multinacionais, dependente economicamente de outros países, somos exportadores de matéria-prima e bens de consumo, recém recuperados de uma crise financeira e política, ainda militando por um bom crescimento ou, pelo menos, em favor da estabilidade do país, em todas as suas áreas.

Quanto tempo um pai de família, de classe média, com três filhos em casa, consegue sustentar e manter sua família sem trabalhar? Quanto tempo sua família irá sobreviver, sem sustento? Quanto tempo uma pequena empresa, que não possui um caixa reserva, consegue permanecer sem abrir as portas? Quantas pessoas ficarão desempregadas, se uma loja de roupas onde trabalham um gerente, dez vendedores, cinco caixas e duas faxineiras, parar de funcionar? Essa empresa entraria em falência e não pagaria sequer os direitos aos seus funcionários, de maneira que, aqui, já teríamos várias famílias passando fome: consequentemente, teríamos mais criminalidade, mais miséria e mais doenças.

O governo não consegue sustentar todo o país nessas condições, nem mesmo por um mês. Empresas multinacionais sairiam do país e, consequentemente, centenas, milhares de funcionários também ficariam desempregados e sem seus direitos. Com isso, todo o país seria condenado a uma crise de miséria, e milhões de pessoas acabariam mortas. Não podemos

deixar a histeria e o desespero tomarem conta de nossos corações. Devemos lutar por nossas famílias e, em função delas, por nosso país. Porém, resgatando um termo militar: esta é uma batalha que temos de lutar em dois frontes: não podemos morrer de fome e condenar todo o país à miséria, o que acontecerá com certeza a milhares de pessoas, para que sobrevivam menos de 5% da taxa de mortos de nosso país, que são os que verdadeiramente morreriam devido ao vírus em questão [não 5% da população]. É anti-lógico. Ao mesmo tempo, não podemos viver como se o vírus não existisse, tão anti-lógico quanto o que foi dito anteriormente. Devemos evitar sair de nossas residências, devemos tomar todas as precauções e seguir toda a cartilha já elaborada, sem pânico, e com fé.

Caminhando para o final, o povo precisa dos cristãos nisso: na demonstração de sua fé. Aqueles que estão perdidos em seu desespero precisam de nossas orações. Lembramos o quanto ficarmos confinados e sozinhos pode aumentar casos de ansiedade, depressão e até mesmo as ocorrências de suicídio. Oremos, consolemos, liguemos e, se possível, trabalhemos em casa. Em nossos trabalhos, evitemos os contatos normais do dia a dia. Quanto aos que passam necessidade, devemos agir como cristãos, abrindo nossas despensas e compartilhando com os necessitados, “*pois é melhor dar, do que receber*” (Atos 20:35). Precisamos nos lembrar dos irmãos, nos esforçando para não perdermos a comunhão.

Essa é uma oportunidade para todos os cristãos: não de demonstrarmos a face do ódio, proclamando que isso é justiça

pelos crimes contra a Cristo, ou que é um praga enviada por Deus, ou, até mesmo, que é o julgamento apocalíptico, afinal de contas, vimos que muito mais pessoas já morreram em outras eras, mas a raça humana continua viva, como sempre. À título de curiosidade, no Brasil, foram contabilizados mais de 300 mil casos de dengue até o meio de março de 2020 e mais de 100 mortes – e isso não gerou desespero e hysteria. Demonstremos a face de um Deus misericordioso, que nos envia a amarmos o próximo, a doarmos o

pouco que temos, a nos importarmos, a orarmos, e a cuidarmos, mantendo nossos olhos fitos no céu, n'Aquele que nos criou. Como disse o salmista: “*aquietai-vos e sabeis que eu Sou Deus*”. “*E, para ele, vocês têm muito mais valor do que os passarinhos. As vossas preocupações poderão porventura acrescentar um só momento ao tempo da vossa vida?*” (Mateus 6:26b-27).

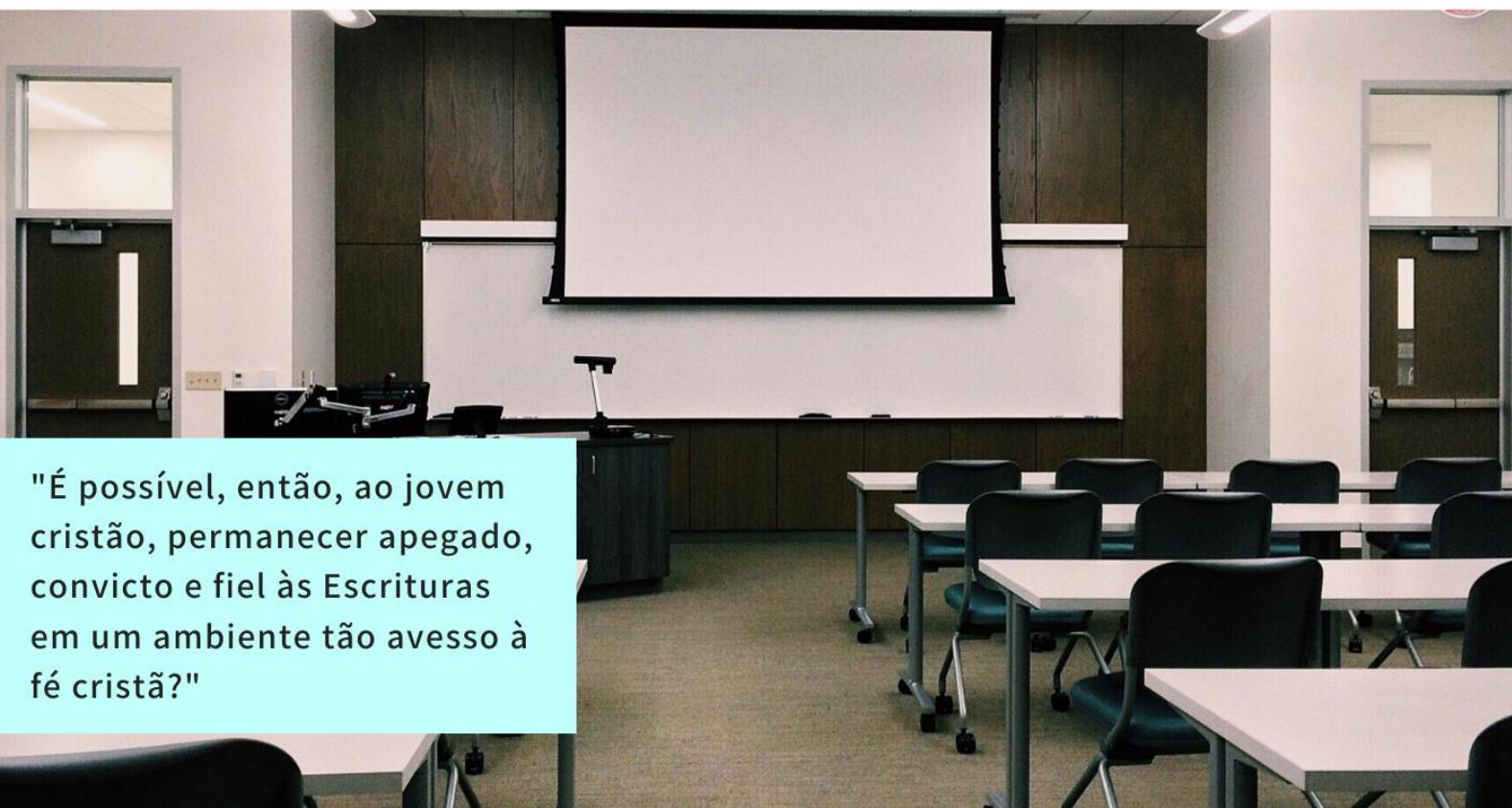
Que Deus tenha misericórdia de nossa nação!

Paz seja com todos.



Sthaner Mendes de Sousa, 26 anos, é membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos-SP, licenciado em Ciências Biológicas, pelo IFSP – campus Barretos-SP.

GLORIFICANDO A DEUS NA UNIVERSIDADE



"É possível, então, ao jovem cristão, permanecer apegado, convicto e fiel às Escrituras em um ambiente tão avesso à fé cristã?"

Na atual configuração da sociedade, o ambiente acadêmico é um dos ambientes mais hostis à fé cristã. É provável que você conheça jovens cristãos que foram induzidos a questionar sua fé após ingressarem na universidade. Infelizmente, muitos deles acabam por sucumbir diante das fortes pressões por conformação ao secularismo, o que acaba os forçando a assumir como sendo verdade uma visão de mundo que nega a existência de Deus e que negligencia Sua soberania, que rege o universo desde a Criação. Aliás, essa pode ser a situação de seus colegas de graduação e amigos próximos ou, pior do que isso, a sua própria história.

De imediato, as vivências no espaço acadêmico trazem hesitação, expondo os valores cristãos a novas questões em um ritmo frenético, muitas vezes levando os jovens a repensarem no que creem e o que viveram até então.

O senso de identidade, de propósito e de vida cristã é desafiado, sofrendo um pesado bombardeio ideológico capaz de abalar toda fé que não estiver alicerçada sobre a Rocha Eterna, Jesus Cristo. Diante de tão severo ataque aos princípios divinos, surge uma questão: é possível, então, ao jovem cristão, permanecer apegado, convicto e fiel às Escrituras em um ambiente tão avesso à fé cristã?

Para responder à esta questão, é preciso entendermos o que causa essa confusão na mente do homem, fazendo-o ter esta tendência de colocar em dúvida as verdades eternas e considerar formas alternativas de ver o mundo, sendo influenciado a conformar-se e resistir à autoridade divina.

Cada parte da natureza humana foi distorcida pela Queda, incluindo a mente. O conhecimento humano sobre Deus foi afetado levando o homem a rejeitá-lo.



COSMOVISÃO CRISTÃ

Na universidade temos contato direto com os efeitos disso, eles são refletidos na visão, no pensamento e na vida daqueles que rejeitam a autoridade de Cristo. O relativismo, que é o cerne do pensamento pós-moderno, é um exemplo disso. A verdade foi reduzida a uma “construção social”. Nesta, cada pessoa deve definir a verdade segundo suas vivências e aquilo que lhe é conveniente - o indivíduo, assim, se torna o padrão e a medida de todas as coisas, perdendo por completo o contato com a realidade. Mas nós, cristãos, sabemos que não é assim que acontece: há uma Verdade absoluta e imutável, de modo que devemos vivê-la e fazê-la conhecida.

Como uma cristã e universitária que passa por estes mesmos desafios, permita-me dividir com você algumas ferramentas que encontrei através da observação, da experiência e, sobretudo, da Palavra de Deus, que podem te ajudar a andar seguro por este caminho.

Para termos êxito nessa caminhada guardando a fé, é fundamental que tenhamos uma *cosmovisão cristã*. Precisamos desenvolver uma mente capaz de compreender de maneira clara e profunda o que a Bíblia ensina, colocando diante dela toda base teórica, isto é, todas as visões de mundo que nos são apresentadas, tais como o deísmo, o existencialismo, o niilismo, entre tantas outras que tem dominado o pensamento contemporâneo. Também é nosso dever conhecer minimamente cada uma dessas cosmovisões e lidar com o pluralismo presente no ambiente acadêmico. Se não interpretarmos tudo a partir da perspectiva bíblica, estaremos aderindo a uma visão secular que nega a existência de Deus e rejeita os princípios por Ele estabelecidos. Lembre-se que não há neutralidade, todo conhecimento é produzido a partir de uma cosmovisão, e eis, neste fato, a necessidade de termos um senso crítico que nos auxiliará a rejeitarmos o que contraria os princípios cristãos: devemos levar cativo todo conhecimento à obediência de Cristo (2 Coríntios 10:5).

Não negligie a sua vida com Deus, dê prioridade ao momento devocional, à oração e à leitura da Palavra. Conheça as doutrinas básicas da fé cristã e seus fundamentos teológicos para assim estar preparado para responder a qualquer pessoa que perguntar qual é a razão da sua esperança (1 Pedro 3:15). É a partir do conhecimento e do relacionamento íntimo com o Criador que seremos capazes de identificar e resistir a tudo o que não o reconhece como Senhor.

No capítulo 12 da carta de Paulo aos Romanos, o apóstolo Paulo nos exorta a não vivermos conforme os padrões e valores deste mundo, pois ele é mau e ainda ameaça àqueles que pertencem a Cristo. Nossa mente deve ser constantemente renovada para que estejamos aptos a discernir e experimentar a vontade de Deus - aquilo que é bom e agradável a Ele. Uma vez que nossa mente foi renovada, devemos rejeitar totalmente qualquer movimento anticristão que muitas vezes é introduzido de forma sutil no discurso e na prática daqueles

"Lembre-se que não há neutralidade, todo conhecimento é produzido a partir de uma cosmovisão..."

que, na tentativa de abraçar os dois mundos, crendo ser possível relacionar o cristianismo às teorias antibíblicas e separar o secular do sagrado, acabam criando uma fé híbrida, ineficaz e ofensiva ao verdadeiro Evangelho. É preciso reconhecer que, na maioria das vezes, esse diálogo não será possível. Você deverá agarrar-se, então, à única verdade: a que está revelada nas Escrituras. Para isso, é necessário lembrarmos do conselho que encontramos em Colossenses 2:8: “*Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam em tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo*”. Ou o cristianismo é inteiro, ou não é cristianismo. E para não seguirmos um cristianismo falso, devemos compreender que o cristianismo não é apenas mais uma cosmovisão entre tantas outras. Nós cremos na Verdade que é absoluta e definitiva, portanto, não devemos ter medo de afirmá-la como tal, mesmo que isso soe imodesto num ambiente pluralista e relativista como a universidade.

Mesmo sendo um lugar desafiador, a universidade também é onde temos a oportunidade de glorificar a Deus intelectualmente, conhecendo de forma mais profunda a Criação e toda a sua dinâmica. Devemos, ainda, considerar a importância de formarmos cristãos que ajudarão a criar um lugar para as ideias cristãs na academia e que exerçerão influência além do âmbito religioso. Temos todos os motivos para buscar o conhecimento, pois entendemos que Deus é Senhor sobre todas as coisas, inclusive sobre as áreas do saber. Ele é a fonte de toda sabedoria, sim, em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Colossenses 2:3).

É Cristo quem nos liga novamente ao Pai depois da ruptura causada pelo pecado, é somente por meio dEle que temos a nossa mente renovada e nos submetemos à autoridade inquestionável das Escrituras, fazendo uso da nossa mente e do conhecimento para a glória de Deus. O salmista dá uma resposta breve e completa a essa questão: “*De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra*” (Salmos 119.9).

Se na universidade você tem encontrado objeções que estão causando dúvidas e têm prejudicado a sua vida espiritual, apresente todas elas a Deus em oração e peça que Ele ajude a resolvê-las. Creia que Ele o ajudará!

Diante das perplexidades do ambiente acadêmico, cabe ao cristão chegar-se mais a Deus, a Rocha da nossa salvação, para que receba dEle força espiritual e sabedoria – itens essenciais para defesa da fé cristã. Cabe ainda lembrar que, independentemente do lugar em que estivermos – seja na igreja, na universidade, no local de trabalho –, não podemos esquecer de quem somos, quem é o nosso Deus e que somente a Ele pertence todo louvor, gratidão e fidelidade. Vivamos, pois, em tudo, para que a nossa vida o glorifique cada dia mais!



Mariane Brum Gomes é membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, e graduanda em Psicologia, pela Univates, da mesma cidade.

A FÉ
SE RECUSA
A ENTRAR EM
PÂNICO

MARTYN LLOYD-JONES



INTRODUÇÃO AOS ASSUNTOS DA PSICOLOGIA

Queridos, a Paz do Senhor! Acredito que devam estar se questionando sobre os assuntos que abordarei nesta coluna e sobre a forma com que irei desenvolver tal tarefa. A psicologia, infelizmente, tem sido conhecida e difundida no meio social através de discursos de senso comum que a descrevem como “cuidado com loucos”, “estudo da mente”, “desabafos” e “conversa de comadre” - exemplos que ouço frequentemente. Em nosso meio, também circulam narrativas generalizadas e reproduzidas, a respeito dessa ciência que, diga-se de passagem, tem tanto a contribuir para a vida e caminhada cristã. Sem a intenção de culpabilizar, acredito que exista entre nós, cristãos, uma propagação de ideias pautadas no medo, da parte de alguns líderes e irmãos mais antigos, de se perder alguns “fieis”, em especial os jovens, da segurança e comodidade de estarem dentro das quatro paredes do templo, rumo ao desconhecido, em direção àquilo sobre o que não se possui nenhum tipo de domínio - e isso acaba impossibilitando a muitos de conhecerm, adentrarem e ocuparem lugares, como Igreja de Cristo.

Minha pretensão, neste primeiro mês, no entanto, é tão somente apresentar um breve resumo sobre a psicologia e levantar alguns conceitos que, possivelmente, serão abordados mais a fundo nas próximas edições da revista, ressaltando que psicologia não é “para loucos” e que doenças mentais, psicosomáticas e, principalmente, nossas emoções, precisam ser levadas em consideração durante nossa passagem nesta terra. No decorrer dos meses, vamos falar sobre alguns tabus como a depressão e outras formas de sofrimento relacionados à psique humana, as quais não podem, de forma alguma,

“
A ciéncia não
surpreende Deus,
sendo Ele o
provedor de toda a
sabedoria
e conhecimento.

ser banalizadas, menosprezadas e ignoradas por nós, cristãos. Falaremos também sobre algumas dúvidas existentes, como, por exemplo, se podemos ou não fazer psicoterapia e se podemos relacionar a psicologia ao cristianismo.

Há tantas verdades bíblicas que são reproduzidas, ainda que camufladas, por grandes nomes da psicologia, como, por exemplo, Sigmund Freud, fundador da Psicanálise, que, apesar de todas as suas teses anticristãs, desenvolveu seu método da “cura pela fala” inegavelmente e é certo que involuntariamente, fazendo lembrar, ao longe, a verdade bíblica. Me perdoem, todos os simpatizantes e leitores – inclusive, sou uma de vocês, mas Tiago, um dos autores bíblicos, já conhecia este método, quando escreveu, há bons anos antes de Freud, o capítulo 5 e versículo 16 do seu livro neotestamentário: *“confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis [...]”*. A ciência não surpreende Deus, sendo Ele o provedor de toda a sabedoria e conhecimento. O que devemos fazer é utilizar estes recursos em prol do Reino d’Ele. O que podemos e devemos, amados irmãos, é sermos sal fora do saleiro, para que Deus seja glorificado através de nós. Para isso e por isso, estou nesta área. Espero tê-los comigo, ainda que em oração e de maneira distante.

Aos estudantes, graduados e interessados da área, que não são adeptos da fé em Cristo Jesus, mas chegaram a esta coluna por algum motivo e de alguma maneira, peço que considerem os aspectos do cristianismo, como, no mínimo, benéficos e transformadores ao sujeito, visto que há estudos e comprovações neurocientíficas dos benefícios da oração e da fé. Não há dúvidas, também, que, da ação do grupo, da comunhão enquanto Corpo de Cristo - Igreja -, se originam benefícios relacionados à estruturação grupal e necessária que todos, enquanto sujeitos, temos. Sem falar nos estudos na área da psicologia social, dadas as transformações e intervenções causadas pela ação do Evangelho, com

resultados expressivos no auxílio de pessoas em situação de rua, em estado de drogadição, em vulnerabilidade social, entre outros fatores relevantes. Assim como a psicologia não deve ser encarada meramente através do senso comum, o Evangelho, em meio à ciência, também não deve, visto que causa influência sobre ela.

Perdoem-me, pois escrevi até aqui e ainda não resumi a psicologia. Para isso, utilizarei das palavras do Conselho Regional de Psicologia (CRP/2019):

“A psicologia trabalha com pessoas na complexidade das relações com os outros e consigo mesmas. Os psicólogos(as) possuem formação para trabalhar com a saúde mental e a qualidade de vida de pessoas em diversas realidades de forma individual e também em grupos, comunidades e instituições. A psicologia amplia nossos horizontes desenvolvendo as subjetividades que compõem as formas de viver em sociedade e que fazem com que cada pessoa seja única.”

Há uma equivocada concepção do modelo clínico-terapêutico como sendo o único cenário de atuação desta ciência, sendo que existem outros ramos nos quais ela pode e deve ser aplicada, como, por exemplo, os meios escolar, organizacional, jurídico, esportivo, hospitalar e social, entre outros. Usufruimos, portanto, deste espaço, da psicologia e das verdades bíblicas para o nosso crescimento e enlevo espiritual, com efeitos de mudança em pensamentos e comportamentos. Até o próximo mês! Fiquem na Paz!



Kamila Maciel Del Rio é formada em Marketing, pela UNOPAR, e graduanda em Psicologia, pela Univates, de Lajeado – RS. Faz parte da Superintendência da Juventude da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na mesma cidade.

FAZER OU ENSINAR?

O que é mais
importante?





“Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar.” (Atos 1:1) [1]

O livro de Atos é a segunda parte do tratado de Lucas para Teófilo. É o segundo volume que faz do Evangelho de Lucas e do livro dos Atos dos apóstolos uma única obra. O trabalho de Lucas é fruto de pesquisa, o que requereu do escritor empenho e dedicação para captar e organizar as informações disponíveis sobre Jesus. Os feitos e ensinos de Cristo foram averiguados com meticulosidade, testemunhas oculares foram ouvidas, informações examinadas e, depois das devidas certificações, o produtor dos dois livros ordenou os dados na compilação de sua obra (Lucas 1:1-3). Sua intenção é clara: deseja que seu leitor tenha *“plena certeza das verdades em que fostes instruído”* (Lucas 1:4), e tal certeza só poderá ser obtida conhecendo *“todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar”* (Atos 1:1).

Fantástico! Em Jesus, fé e prática se harmonizam, doutrina e conduta se encontram, teoria e prática estão amalgamadas. A operosidade não atropela a reflexão e o pensar não amortiza a funcionalidade. Em Jesus, pensamento e ação são vividos e praticados com profundidade e intensidade. Deste modo, não são autoexcludentes, não estão em tensão e não precisam ser cronológicos - primeiro um, depois o outro - antes, são sincrônicos: Jesus quando ensina faz e, quando faz, está sempre ensinando. Se há algo no ensino de Jesus que não está nítido, sua prática clarificará isso. Se a ação de Jesus parecer obscura, seu ensino explicará tal comportamento. Sim, a ortodoxia (a doutrina correta) e a ortopraxia (a conduta correta) estão entretecidas em Jesus de Nazaré. É nele que elas se complementam, estão de mãos dadas e, mais do que isso, dançam exibindo vida e poder.

O assombroso é que para o evangelista tudo o que Jesus fez e ensinou *“até o dia em que foi elevado às alturas”* (Atos 1:2), é apenas o começo de algo que continua e que está acontecendo. Smith (p. 30, 1984) afirma que Lucas quer dizer que o ministério terreno de Jesus nada mais é do que “o início de uma ação que não tem fim [...] os eventos subsequentes, desencadeados pelo Espírito Santo são, na realidade, a continuação da obra de Jesus” [2]. David J. Williams (p. 32, 1996) afirma de maneira contundente que:

“A tese de Lucas é a seguinte: Jesus continua ativo. O que Ele mudou foi seu método de trabalho. Agora, Ele não está mais na carne; Ele prossegue a “fazer, mas também a ensinar” mediante seu “corpo”, a Igreja. Esta é a história de Atos.” [3]

Quando cristãos param para indagar sobre o que vem primeiro ou que é mais importante: “fazer ou ensinar?”, revelam que, individual ou coletivamente, tem abandonado o fluxo natural da sua vocação como corpo de Cristo. Jesus Cristo continua fazendo e ensinando por meio da Igreja cheia do Espírito Santo. É, portanto, anômala à luz da natureza do que seja ser Igreja de Jesus a ideia do intelectual que vive sem engajamento com uma comunidade local, ou mesmo do indivíduo que é uma patrula missionária, todavia, acéfalo, incapaz de refletir com um pouco mais de consistência, inapto de discernimento.

Este desafio é enfrentado por todas as tradições cristãs, sem exceção. Dos orientais aos ocidentais, dos históricos aos pentecostais, todos vivem o drama de ajustar crenças e tradições com uma vida piedosa: vida na verdade e verdade na vida; luz na mente e fogo no coração. A história do cristianismo atesta este recorrente movimento em que o próprio Deus age em Sua Igreja para livrá-la do ativismo irracional, bem como de uma racionalidade árida e morta.

Qualquer destes extremos é desastroso e não pode ser encarado com naturalidade ou brandura. Dissociar fé e prática (fazer e ensinar) sempre será disfuncional e o saldo sempre será negativo. Talvez uma das razões desta distorção seja o caminho percorrido pela doutrina/teologia, como diz Pelikan (p. 28-29, 2014), da Igreja para o monastério, do monastério para a universidade [4]. Estou convencido de que este caminho que a doutrina percorreu é apenas um efeito colateral do nosso estado de queda. O pecado nos impõe a triste realidade da fragmentação do ser, da dicotomia entre mente e coração. Doutrina sem prática é hipocrisia,

“Na verdade, nessas três partes está contido, básica e sobejamente, tudo o que consta na Escritura e o que pode ser pregado, bem como tudo o que o cristão necessita saber. E o que ele precisa para a salvação está redigido com tal brevidade e facilidade que ninguém pode se queixar nem se desculpar de que é demais ou muito difícil para guardar.” [5]

A ação da Igreja, por sua vez, não deve acontecer motivada por emoções e circunstancialidades, as quais refletem mais a sua cultura do que o reflexo da verdade revelada. Os métodos evangelísticos e litúrgicos e a ação social, que tem a intenção de limpar a barra dos cristãos e gerar simpatias com o mundo atual, porém não se preocupa em buscar razões bíblicas para a sua práxis, precisam ser refeitos. John Stott propõe o caminho mais sensato quando diz que:

“Alguns cristãos, ansiosos, sobretudo por serem fiéis a revelação de Deus sem concessões, ignoram os desafios do mundo moderno e vivem no passado. Outros, ansiosos por reagir ao mundo ao seu redor, podam e torcem a revelação de Deus em sua busca por



prática sem doutrina é ativismo fanatizado. A redenção em Cristo é o único caminho de mudança deste estado miserável. O glorioso salvador é aquele que, em perfeição, faz e ensina, redimindo pecadores, transformando-os em seu povo para também fazerem e ensinarem.

A missão de Cristo no mundo é levada a efeito na Igreja e por meio da Igreja. A pregação e o ensino cristão não podem cair no alçapão da abstração desconectada da realidade. Qualquer ensino que encante, aguace a curiosidade, suscite polêmica, contudo, não faça cair prostrado diante do Rei Jesus conduzindo a adorá-lo por sua santidade e glória, deve ser considerado secundário e não precisa investimento de atenção, energia e divulgação. Para Martinho Lutero, os Dez Mandamentos, o Credo Apostólico e o Pai-Nosso são o conteúdo mais consistente e resumido necessário para qualquer cristão e podem servir como norteadores atualmente:

relevância. Tenho lutado para evitar ambas as armadilhas. Pois o cristão tem uma condição livre, que lhe permite não se render à antiguidade nem à modernidade. Antes, tenho procurado com integridade submeter tudo à revelação de ontem, dentro da realidade de hoje. Não é fácil aliar lealdade ao passado com sensibilidade ao presente. Porém, este é o nosso chamado cristão: viver, sob a palavra, no mundo.” [6]

Uma igreja que se apresenta em nome de Cristo sob o desajuste do fazer e ensinar é um simulacro e uma caricatura. O primeiro, porque está fingindo ser o que não é; o segundo, por realçar traços da Igreja com um único intuito de produzir amenidades para as quais não é destinada: “*Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros*” (João 15:20). A Igreja não pode enganar-se, está em missão no mundo, está de passagem por aqui.

A espiritualidade e a consciência cristãs carregam essa dinâmica redentiva que harmoniza fazer e ensinar conforme Jesus e é assim que, na Igreja e por meio dela,

Cristo continua sua obra no mundo. Portanto, não há escala de valores entre fazer e ensinar no Reino de Deus, tais valores se complementam, justapondo-se dinâmica e harmoniosamente. Sendo assim, que a prática cristã seja fruto da verdade revelada; que a doutrina gere prática, conduta vida e engajamento; que o mundo encontre Deus no agir e proclamar da Igreja cristã; que os “Teófilos de Deus” encontrem a certeza nas verdades em que foram instruídos e que a graça de Cristo os constitua igreja que faz e ensina para a glória de Deus somente.

Em Cristo,



David Sander Soares Pinheiro é evangelista na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Porto Alegre/RS. Licenciado em História, é especialista em Metodologia do Ensino da História e Geografia, pós-graduado em Teologia. Casado com Daniela Espinosa Soares, pai de Daniele Espinosa Soares.

NOTAS

- [1] Bíblia de Estudo Herança Reformada. Barueri, SP: Sociedade bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2018; Texto bíblico: Almeida Revista e Atualizada.
- [2] ALLEN, Clinton J. Comentário Bíblico Broadman. RJ: JUERP, 1984.
- [3] WILLIAMS, David J. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. SP: Editora Vida, 1996.
- [4] PELIKAN, Jaroslav. A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina, o surgimento da tradição católica 100-600 – Vol.1. SP: Shedd Publicações, 2014.
- [5] LUTERO, Martinho. Obras Selecionadas. O programa da Reforma escritos de 1520. 2ª edição. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 174.
- [6] STOTT, John. Os Cristãos e os Desafios Contemporâneos. Viçosa, MG: Ultimato, 2014, p. 8-9.

Você honra a Deus ao debater política?

Pela graça de Deus, o brasileiro médio tem despertado para o debate e para a participação política, após anos de predominante letargia. Esta realidade inclui, claro, os cristãos. Contudo, ainda são notórios o incipiente conhecimento e a pouca maturidade para um envolvimento saudável com esse universo. No caso dos cristãos, tudo se torna particularmente mais delicado, uma vez que o alto padrão moral que nos exige Cristo é frequentemente negligenciado em favor das idolatrias políticas ou mesmo da egolatria. O fato é que poucos de nós têm verdadeiramente buscado honrar a Deus com nossa participação na política ou no debate sobre ela.

Este não é um texto de um “isentão”. Pelo contrário, este que vos fala se considera decididamente posicionado no tocante ao espectro político e acredita que a neutralidade genuína é impossível. No entanto, não me proponho, no momento, a argumentar em favor desta ou daquela visão ideológica. Não quanto algo que deveria ser basilar a nós, seguidores de Cristo, não for devidamente refletido e assimilado. Dito isto, vamos ao objeto de nossa introspecção.

O comportamento de muitos irmãos, sejam eles de qual denominação ou tradição teológica forem, é, no geral, preocupante. A pouca consciência acerca dos postulados ideológicos e das intenções por trás das inúmeras correntes de poder inseridas no meio político são uma pedra de tropeço para a maioria de nós. O desconhecimento prevalente nos leva a pensar mal, votar mal, manifestar mal – seja favorável ou contrariamente a algo –, e a debater mal sobre o tema. E o pior de tudo: de modo não cristão. Nem todo mundo é envolvido na vida pública a ponto de saber como agir

politicamente em todas as frentes possíveis, mas todo mundo parece gostar de opinar, debater, se expressar. A ilusão de que precisamos sempre dizer o que pensamos sobre tudo – e que alguém tem de necessariamente nos ouvir e concordar –, parece inerente aos *millenials*, geração da qual faço parte. A beleza residente na humildade de admitirmos que não entendemos sobre tudo parece não mais existir. Atenhamo-nos, por ora, à maneira como discutimos política.

Tornou-se normal usarmos as mídias sociais para expressar nossos posicionamentos políticos, embora eles geralmente não passem de impressões e palpites. O poder de convencimento em debates políticos na internet é praticamente nulo; paradoxalmente, discussões sobre o assunto são até mais recorrentes no ambiente virtual do que presencialmente, uma vez que ali nos parece ser mais fácil ganhar atenção e um ambiente mais confortável do que debater face a face com um militante contrário. Neste ponto, o cristão já corre o risco de estar deixando de lado vários preceitos bíblicos que o deveriam nortear.

A Confissão de Fé de Westminster, documento adotado pelas igrejas presbiterianas e amplamente aceito pelas igrejas reformadas como legítima exposição das doutrinas bíblicas, ao tratar do magistrado civil, versa:

“É dever do povo orar pelos magistrados, honrar a pessoa deles, pagar-lhes tributos e outros impostos, obedecer às suas ordens legais e sujeitar-se à sua autoridade, e tudo isso por dever de consciência. Incredulidade ou indiferença de religião não invalida a justa e legal autoridade do magistrado, nem isenta o povo da obediência que lhe deve, obediência essa qual

não estão isentos os eclesiásticos.” (Confissão de Fé de Westminster, capítulo XXIII, seção IV).

Tomando como base uma das referências bíblicas que sustentam o referido trecho, podemos pontuar que somos ensinados que “*Antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; Pelos reis, e por todos os que estão em eminentia, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade; Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador,*” (1 Timóteo 2:1-3).

Adiantamo-nos, nos comportando como cínicos e escarnecedores, ao criticar, muitas vezes injustamente, por não reunir as informações necessárias para uma avaliação correta, as autoridades civis (o que, por si, já seria desonrá-las); mas, será que estamos, antes de tudo, orando e intercedendo pelos magistrados instituídos por Deus (Daniel 2:21; 4:17; Romanos 13:1)? Neste ponto, é provável que nos questionemos se não seria justificável ignorar tais orientações quando os governantes não se mostram tementes a Deus, ou, dizendo o serem, demonstram o contrário com suas ações (cf. Mateus 15:8; Isaías 29:13; J 33:31). Pois bem, quando Paulo escreveu a primeira epístola a Timóteo, os governantes em seu contexto histórico-geográfico eram majoritariamente inimigos da Igreja. Isto deveria reforçar a necessidade de orarmos pelas autoridades civis, mesmo quando discordamos de sua fé, preceitos ideológicos ou medidas práticas, algo que encontra respaldo adicional em passagens como 1 Pedro 2:13-20.

O Catecismo Maior de Westminster, da pergunta 123 à 133, trata do quinto mandamento (Êx 20:12), e, ali, conceitua “pai e mãe”, à luz das Escrituras, como todo tipo de autoridade, “quer na família, quer na igreja, quer no Estado” (resposta à pergunta 124). A resposta à pergunta 128, que trata dos pecados dos inferiores contra seus superiores, inclui também “a maldição, a zombaria, e todo comportamento rebelde e escandaloso, que vem a ser uma vergonha e desonra para eles e seu governo.”

Outros aspectos reprováveis das corriqueiras manifestações de opiniões políticas – especialmente preocupantes quando se trata de cristãos –, são certeiramente apontados pelo ensino de Provérbios 6:16-19: “*Estas seis coisas o Senhor odeia, e a sétima a sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, o coração que maquina pensamentos perversos, pés que se apressam*

a correr para o mal, a testemunha falsa que profere mentiras, e o que semeia contendas entre irmãos.”

Os “*olhos altivos*” podem muito bem ser expressos na arrogância de nos considerarmos aptos a formar opiniões, mesmo quando não reunimos as ferramentas teóricas ou as informações suficientes para tal. Frequentemente, este pensamento inflado acerca de nós mesmos vem acompanhado de declarado ou dissimulado desprezo para com pensamentos



contrários. O formador de opinião política de redes sociais, por mais que negue ou disfarce, não tem como meta principal ajudar outrem (ou glorificar a Deus, no caso dos cristãos); antes, seu objetivo supremo é simplesmente ter razão. Trata-se de uma egolatria facilmente ignorada e certamente disfarçada. Não entrarei no mérito das “*mãos que derramam sangue inocente*”, do “*coração que maquina pensamentos perversos*”, “*pés que se apressam a correr para o mal*” e “*o que semeia contendas entre irmãos*”. Embora o Senhor Jesus tenha dito que gestar no coração o desejo de fazer o mal é algo digno de juízo (Mateus 5:20,21), não tenho como afirmar que é isto que ocorre no íntimo dos irmãos ao debaterem política sem que me arrisque a fazer um julgamento temerário e injusto.

A sabedoria proverbial bíblica nos alerta ainda que o Senhor abomina a língua mentirosa (v. 17) e a testemunha falsa que profere mentiras (v. 19). Aliás, advertências contra a mentira estão por toda a Escritura, e sabemos muito bem quem é o pai dela (João 8:44). Partindo do pressuposto otimista de que cristãos genuínos não inventam mentiras perniciosas, que dizer quando nos prestamos a propagá-las de modo irresponsável? Temos alguma desculpa? Estamos isentos da culpa de espalhar informações manipuladas, narrativas enviesadas, assassinatos de reputação, as famosas *fake news*? As perguntas 143 a 145 do referido Catecismo Maior de Westminster tratam mais especificamente do nono mandamento (Êxodo 20:16) e, certamente, têm muito a nos ensinar, à luz da Bíblia, sobre o quanto lamentavelmente falhamos no que concerne ao zelo pela verdade.

Não estou dizendo com estas linhas que devemos simplesmente silenciar e aceitar qualquer tipo de desmando governamental. Tampouco que não devamos pensar ou debater a política. De fato, são abundantes as absurdas pautas políticas e ideológicas que afrontam diretamente ensinos bíblicos. É nosso dever nos opor tenazmente a tudo aquilo que milite contra as verdades morais do Evangelho. João Calvino já dizia, em suas Institutas da Religião Cristã, no capítulo em que trata do governo civil, que “o Senhor [...] deve ser o único a ser ouvido, antes de todos e acima de todos os homens; depois dele, estamos sujeitos àqueles [...] com autoridade acima de nós, mas exclusivamente nele. Se ordenam algo contra o que ele mandou, não façamos nenhum caso, seja quem for que mande.” Na verdade, o reformador francês está simplesmente fazendo coro a

Pedro e aos demais apóstolos quando estes disseram: “*Mais importa obedecer a Deus do que aos homens*” (Atos 5:29).

Se meditarmos bem naquilo que vimos até agora, veremos que zelar pela verdade ao disseminar notícias e opiniões, honrar as autoridades constituídas e resisti-las quando preciso não implica em contradição alguma. Querer o bem ao próximo é um princípio que pode e deve ser praticado através da atuação e manifestação política, mesmo que isto envolva algum tipo de confronto com aqueles imbuídos de poder (Daniel 4:27; Neemias 5:15). Espera-se, inclusive, que as autoridades civis cumpram seu papel como ministros de Deus para punir o mal e promover o bem (Romanos 13), afinal elas foram colocadas onde estão e lá são mantidas pelo próprio Senhor (Romanos 13:1; Provérbios 8:15,16). Deste modo, é natural e legítimo que cobremos que assim atuem. Todavia, é imperativo que não usemos da mentira ou vejamos dominados pela imprudência (1 Pedro 3:9,10; Provérbio 19:11). Que vejamos prontos em ouvir, mas tardios em falar e nos irar (Tiago 1:19). E que, antes de tudo, oremos. Nenhuma obra nossa é digna – incluindo nossa atuação política – se não for confiada ao Senhor (Provérbios 16:3).



Frederico Bragança é professor de Língua Inglesa na rede privada e bacharel em Relações Internacionais, pela Universidade Potiguar. Serve a Deus como professor na Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal/RN. Casado com Rebeca.



**APROVAÇÃO
DE DEUS E
MANEJO DA
PALAVRA**

"O objetivo do ministério não é agradar a homens, antes, a preocupação primordial do ministro deve ser a de se apresentar a Deus aprovado."

Depois de escrever a sua primeira epístola para Timóteo, Paulo partiu de Corinto, com Tito, e navegou para Creta, onde deixou Tito para tomar conta da Igreja (Tito 1:5). A seguir, Paulo retornou para a Grécia ou para a Ásia Menor, de onde escreveu a epístola para Tito. Depois, foi para Nilópolis com Trófimo, e Erasto, onde pretendia passar o inverno (Tito 3.12). O apóstolo deixou Erasto em Oriente, e Trófimo doente em Mileto, e, ao voltar para Trôade, de maneira repentina, acabou sendo preso na casa de Carpo. A prisão foi tão surpreendente que Paulo não teve tempo sequer de pegar seus objetos pessoais, incluído seus livros, pergaminhos e uma capa. Foi da prisão romana que Paulo escreveu sua segunda carta a Timóteo, para pedir àquele seu discípulo, que é carinhosamente chamado de filho amado, que trouxesse a ele esses objetos. No entanto, antes de pedir esse favor, ele encoraja o jovem Timóteo em seu ministério na cidade de Éfeso.



Pelo tom de sua carta, Paulo sabia muito bem que sua execução estava muito próxima, por isso ele tratou de asseverar algumas admoestações importantes ao ministério de Timóteo. Destas admoestações, quero aqui trazer duas delas à lume. A primeira é: *"Procura apresentar-te a Deus aprovado, comoobreiro que não tem que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade."* (2 Timóteo 2:15). Dentro desse texto, o primeiro conselho do Apóstolo a Timóteo foi que este devia apresentar-se a Deus aprovado.

O que isso significa e como esse conselho pode nos ajudar?

O objetivo do ministério não é agradar a homens, antes, a preocupação primordial do ministro deve ser a de se apresentar a Deus aprovado. É ter a mentalidade que o seu serviço deve estar alinhado unicamente à vontade de Deus, pois é Ele quem determina a sua aprovação. Atualmente, temos visto homens sacrificando as doutrinas bíblicas em favor da popularidade e status - estes podem até serem “aprovados” pelos homens, todavia, certamente são rejeitados por Deus. Costumo dizer que ser bem-sucedido diante dos homens desagradando a Deus, é viver um ministério em última análise: fracassado.

O que Paulo escreve a Timóteo é exatamente isso, que sua busca não deveria estar à mercê do populismo, ou envidada a opiniões alheias, mas sim na aprovação de Deus. O termômetro para um ministério eficaz nunca será definido segundo o aplauso dos homens. O resultado dessa busca, culmina exatamente no que Paulo orienta a seguir: “*como obreiro que não tem de se envergonhar*”. Aqui, o Apóstolo destaca um dos frutos do ministério aprovado por Deus: este é um ministério que não tem “rabo preso” com ninguém, um ministério que não tem sujeira acumulada debaixo do tapete, um ministério que reflete o caráter de Jesus.

O segundo ponto, não menos importante, fala da característica teológica do ministro:

“Que maneja bem a palavra da verdade.”

Além de ser aprovado por Deus, o ministro deve saber manejar a palavra com perspicácia, firmeza e preparo. A tradução grega para “manejar bem” ou “corretamente” (2.15) é o termo “*orthotomounta*”. Esta palavra é composta pelo adjetivo “*orthos*”, que significa “perfeitamente correto ou em linha reta”, e o verbo “*tomo*”, que significa “cortar”. Assim, “*orthotomounta a palavra da verdade*” significa “cortar perfeitamente ou em linha reta a palavra da verdade”. Deus requer diligência em “cortar” perfeitamente a Sua Palavra, e isso significa que não podemos ter “três ou até mesmo dois cortes da palavra da verdade e eles serem perfeitamente corretos,

simultaneamente”. Apenas uma interpretação da Palavra de Deus é “perfeitamente correta”.

Talvez, Paulo estivesse pensando em seu trabalho como fabricante de tendas, o qual exigia grande habilidade para que cada golpe de faca na lona contribuísse para a força da tenda depois de pronta. Aquele que manejava bem o corte, fazia tendas mais resistentes. Para Paulo, é impossível ser um ministro de Deus, e ser desleixado em relação à sua Palavra.

Ao falar sobre a Palavra da Verdade, Paulo não só qualifica a palavra que se deve pregar, como nos alerta quanto ao fato de que, se existe uma *palavra da verdade*, existem outras que não são verdadeiras. A Verdade, por definição, é única. A mentira pode ser variada e ilimitada, mas, verdade só existe uma e, em toda a Escritura, ela é o que Deus diz e ponto final.



Alisson Bruno é um pensador cristão, escritor e blogueiro. É presbítero na Igreja Assembleia de Deus - Nova Serrana/MG. Formando em Capelania cristã pela UCEBRAS, Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix e médio pelo Seminário Batista Livre. Atua e também é idealizador de vários projetos teológicos nas mídias sociais. Casado com Juliana Avelino e pai de Benício Lucas.

CONVERSANDO COM

o alienígena

MAURÍCIO ZÁGARI ENTREVISTA O PERSONAGENZINHO QUE VEIO ESTUDAR A FÉ CRISTÃ.





O alienígena chegou à Terra com a missão de coletar dados e observar a prática do cristianismo entre nós. Ele passou um bom tempo indo a cultos, participando de atividades de ministérios, lendo livros cristãos, acompanhando as postagens de protestantes nas mídias sociais... enfim, aquele alien mergulhou profundamente no universo do cristianismo brasileiro de nossos dias. Recentemente, ele retornou ao seu planeta de origem. Mas, antes de partir, aceitou me conceder uma entrevista exclusiva, para falar sobre suas percepções. Compartilho a seguir esse bate-papo, na íntegra.

ZÁGARI – O QUE O MOTIVOU A VIR À TERRA ESTUDAR A IGREJA CRISTÃ BRASILEIRA?

ALIEN – Logo que nossos primeiros exploradores chegaram aqui, décadas atrás, ouviram falar desse negócio chamado cristianismo e se interessaram em conhecê-lo mais.

ZÁGARI – E COMO FIZERAM ISSO?

ALIEN – Eles descobriram que a essência do cristianismo estava descrita num livro. Por isso, decidiram abduzir um exemplar, traduzi-lo e estudá-lo.

ZÁGARI – E COMO FOI ESSA EXPERIÊNCIA?

ALIEN – Cara, foi sensacional! Nada na Terra

despertou mais o interesse do meu povo do que o cristianismo. Que conteúdo extraordinário! Minha gente ficou encantada com Jesus e sua mensagem. Incrível, nunca em nossa civilização tivemos algo semelhante. Que mensagem! Um pensamento que fala de amor, gentileza, carinho, alegria, paz, paciência, tratar bem quem nos trata mal, abrir mão de si pelo outro, depender de Deus para tudo e não dos esforços pessoais, santidade... Meu camarada! Fala sério, que negócio incrível!

ZÁGARI – E COMO VOCÊS...

ALIEN – Ah! Desculpe interromper, mas não posso deixar de mencionar: graça! Que conceito ex – tra – or – di – ná – ri – o! O entendimento do que é Graça mudou a vida em nosso planeta! Perdão sem merecer, bênçãos sem merecer, vida eterna sem merecer... tem coisa mais linda que isso?

ZÁGARI – (risos) ENTÃO, EM RESUMO, VOCÊ ESTÁ DIZENDO QUE O CONTEÚDO DA BÍBLIA TRANSFORMOU O Povo DE SEU PLANETA?

ALIEN – Totalmente! Como não transformaria? Passamos a entender a partir da mensagem de Cristo que devemos amar sempre e a todos. Até mesmo nossos inimigos! Tem noção do que esse entendimento fez no meu planeta? Não temos mais guerras, mas, em tudo, promovemos a paz. Passamos a fazer coisas e agir sempre em benefício do próximo. Não há mais crimes. O perdão tornou-se prática prioritária nos relacionamentos. Nós nos tornamos contritos, amáveis, abnegados, devotados. Passamos a valorizar muito menos os bens materiais, promovendo a solidariedade e ajudando o próximo. Nossa vida de lá para cá é muito melhor, consegue acreditar?

ZÁGARI – MAS ISSO TUDO SÓ A PARTIR DA MENSAGEM DE CRISTO? COMO É POSSÍVEL?

ALIEN – (silêncio confuso) Desculpe, não entendi sua pergunta.

ZÁGARI – VOCÊ ESTÁ DIZENDO QUE APENAS CONHECER O EVANGELHO TRANSFORMOU RADICALMENTE A FORMA DE SER DO SEU Povo. ISSO É POSSÍVEL?

ALIEN – (ainda confuso) Ué... Mas não é essa a proposta do Evangelho? Não entendo você perguntar como seria possível uma mensagem de transformação... transformar. (risos) Se uma mensagem de transformação como o Evangelho de Cristo não transformasse, algo estaria errado. Ela faz de pessoas desonestas guardiões da ética; de gente arrogante, servos humildes e devotados; de egoístas, pessoas altruístas; de indivíduos explosivos, mansos de coração; e assim por diante. As boas-novas de Cristo mudam o caráter e o temperamento. (pausa silenciosa e pensativa) Entenda, Zágari, que nós abraçamos verdadeiramente a mensagem de Jesus. E como seria possível fazer isso e não viver plenamente o cristianismo? Nós nos tornamos amorosos, alegres, pacíficos e pacificadores, pacientes, bondosos, amáveis, fiéis, mansos e autocontrolados. E isso mudou tudo. Na bandeira de nossa confederação de nações inserimos como slogan um trecho da Bíblia que traz o segredo de viver em paz e harmonia.

ZÁGARI – É MESMO? QUAL?

ALIEN – É o que Jesus disse em Mateus 7:12: “*Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles*”. Tudo o que precisamos fazer foi pôr isso em prática. Muda tudo! Tudo!

ZÁGARI – ENTENDI. É, FAZ SENTIDO. APESAR DE QUE... BEM, VAMOS ADIANTE. ENTÃO ISSO TUDO ACONTEceu A PARTIR DESSA PRIMEIRA VIAGEM DE VOCÊS À TERRA. E DEPOIS?

ALIEN – Aqueles primeiros exploradores tiveram pouquíssimo tempo para ficar aqui por conta da tecnologia disponível na época. Por isso, foram direto à fonte: a Bíblia. Só deu tempo de pegá-la e levá-la. Não tivemos como ver a aplicação dela na vida dos terráqueos. Mas, agora, alguns séculos depois, já temos a tecnologia que nos permite passar mais tempo aqui, por isso fui escolhido para vir e estudar não mais a fonte e o conteúdo do cristianismo, mas sua aplicação prática na vida de vocês. Foi o que fiz nesses anos que passei aqui na Terra.

ZÁGARI – E VOCÊ PODE COMPARTILHAR SUAS PERCEPÇÕES? O QUE VOCÊ PERCEBEU SOBRE OS RELACIONAMENTOS HUMANOS ENTRE CRISTÃOS?

ALIEN – Olha... foi muito estranho. Confesso que ainda estou tentando entender algumas coisas que não me parecem fazer sentido.

ZÁGARI – COMO O QUÊ?

ALIEN – Bem, Jesus ensinou que devemos amar aos outros como a nós mesmos. Mas, encontrei muito pouco disso. Na parábola do bom samaritano, Jesus ensina que devemos amar os inimigos, mas os cristãos da Terra quando fazem inimigos se tornam realmente inimigos deles! Falam mal, descem o malho, são sarcásticos e depreciativos... alimentam esse tipo de postura como se fosse uma virtude. Mas isso não se encaixa no que entendemos da Bíblia. Será que entendemos errado e amar o inimigo não significa bem amar o inimigo?

ZÁGARI – PREFIRO NÃO OPINAR. SOU APENAS O ENTREVISTADOR.



ALIEN – Pois é... (silêncio). Enfim, vi muitos cristãos terráqueos que dizem seguir Jesus, mas tratam quem discorda deles com uma deselegância tão grande! Atacam com agressividade, fazem chacota, ofendem... no nosso planeta, não vivemos dessa maneira as diferenças pessoais. Se um crê na eleição condicional e outro na incondicional, se um é continuista e outro é cessacionista, se um é ortodoxo e outro da missão integral... nós nos respeitamos e nos amamos, pois sabemos que, ainda assim, somos irmãos e pertencemos a uma mesma família, valorizando o que temos em comum e não as diferenças periféricas. Os cristãos da Terra não fazem isso, mas amam segregar, promover dissensões e facções, e vivem se agredindo. Não faz o mínimo sentido para nós isso, teremos de estudar esse fenômeno com mais calma.

ZÁGARI – BOA SORTE COM ISSO. (silêncio) MAS, DIGA, O QUE MAIS CHAMOU SUA ATENÇÃO NA IGREJA BRASILEIRA?

ALIEN – (ajeitando-se na cadeira) Uma coisa que nos impressionou é um tipo de comportamento bizarro. No nosso planeta, absolutamente todos nós nos dedicamos ao estudo profundo da Bíblia. Afinal, como viver algo se não o conhecemos extremamente bem? É o óbvio! Mas não conseguimos ficar só estudando e debatendo,



pois automaticamente desejamos pôr em prática o que aprendemos. Então, por exemplo, se no estudo de hoje lemos sobre “dar de comer a quem tem fome”, assim que termina o encontro saímos à rua para alimentar aqueles que estejam famintos. Ou, se hoje estudamos no seminário sobre “chorar com quem chora”, saímos imediatamente a campo em busca de quem esteja triste, para tentar consolá-lo. Se hoje estudamos sobre caridade, não conseguimos ir para a cama sem participar de alguma ação social que beneficie outros alienígenas. Se o tema do dia é pacificar, nos esforçamos para promover a paz em todo tipo de relação. E assim por diante.

ZÁGARI – E QUAL FOI O COMPORTAMENTO BIZARRO QUE VOCÊ IDENTIFICOU NA TERRA QUANTO A ISSO?

ALIEN – Rapaz, aqui a parada é louca (risos). Percebi que existe uma quantidade gigantesca de cristãos terráqueos que só ficam lendo sobre Cristo e teologia. Para eles, parece que ser cristão é só ler sobre cristianismo e ficar debatendo, debatendo, debatendo, debatendo, debatendo, debatendo e debatendo! Amam uma polêmica! É surreal, não faz sentido nenhum para

nós esse comportamento. É gente cheia de diplomas na parede, cheia de livros nas estantes, mas que nunca foi a um orfanato levar amor, nunca saiu na noite fria para distribuir cobertores aos desabrigados, tampouco se dedica a ações práticas em benefício dos outros, não se importa em continuar com o mesmo temperamento explosivo e briguento que tinha antes da conversão, que trata quem discorda de si de modo repulsivo “em nome de Jesus”, claro... É como tirar carteira de motorista, ler milhões de livros sobre carros e seu funcionamento, saber as leis do trânsito de cor... mas jamais sair com o carro da garagem! Muito estranho.

ZÁGARI - (risos)
ENTENDI A
METÁFORA.

ALIEN – Mas, para piorar a confusão, é enorme a quantidade de terráqueos que se dizem seguidores de Cristo, mas se recusam a estudar a Bíblia! Não sabem nada de teologia, não leem bons livros cristãos... odeiam uma biblioteca! Mas, como pode alguém seguir algo sem conhecer esse algo a fundo? Não faz nenhum sentido para nós, aliens, que abraçamos uma prática cristã exclusivamente e inegociavelmente bíblica.

ZÁGARI - O QUE MAIS?

ALIEN – Rapaz, se tem uma coisa estranha na igreja da Terra é o exclusivismo. No meu planeta, entendemos que as denominações são apenas formas diferentes de ver a mesma coisa, mas aqui cada um acha que só a sua denominação é a certa. Encontrei pessoas que são mais presbiterianas que cristãs! Outras que acham que só na Assembleia de Deus o Espírito Santo tem liberdade de agir. Outros que consideram o jeito batista de ser o único válido. Não conseguimos entender esse conceito, me lembra aquela passagem da Bíblia em que uns dizem que são de Paulo, outros de Apolo. Vi pregações de pastores que diziam que as

pessoas que amadurecessem na fé necessariamente seriam conduzidas por Deus à sua denominação. Caso de estudo.

ZÁGARI - COMO ENTREVISTADOR PREFIRO NÃO COMENTAR ISSO.

ALIEN – Eu entendo sua posição, às vezes é melhor não falar nada mesmo. É a vantagem de eu ser alienígena. (risos). É, Zágari, sinto que o povo de meu planeta vai ter um choque quando apresentarmos as conclusões das minhas pesquisas. Em especial, no que se refere ao coração humano.



ZÁGARI - COMO ASSIM?

ALIEN – Baseamos toda a transformação de nossa sociedade na ideia de que um povo que teve a Bíblia como norteador de suas posturas por dois milênios estaria hoje evoluído ao extremo. Meu parecer, portanto, será bastante decepcionante. A maioria das pessoas do planeta Terra não tem Jesus no coração e a parcela que tem, age com frequência como se não tivesse.

ZÁGARI - MAS, ME DEIXE DEFENDER O MEU PESSOAL UM POCO, POIS VOCÊ ESTÁ PINTANDO UM CENÁRIO MEIO, TIPO, PESSIMISTA

DEMAIS (risos). VOCÊ NÃO ACHA QUE TEMOS DADO UM BOM TESTEMUNHO PARA O MUNDO NÃO CRISTÃO?

ALIEN – (silêncio). Sinceramente? (silêncio). Olha, me responda você. Como os cristãos tratam um homossexual que chega a uma igreja em busca de Jesus?

ZÁGARI - EU... AHM... PREFIRO NÃO OPINAR.

ALIEN – (risos) Tá vendo? Quando surge uma polêmica entre cristãos e não cristãos, digamos, sobre assuntos como aborto, identidade de gênero, essas coisas...

vocês reagem como aqueles que se opõem, como Paulo disse a Timóteo, ou com agressividade e ataques brutos?

ZÁGARI – NÃO SEI DO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO. O QUE PAULO ESCREVEU A TIMÓTEO SOBRE A FORMA DE REAGIR AOS QUE SE OPÕEM?

ALIEN – Você tem uma Bíblia aí? Abra, por favor, em 2 Timóteo 2:24-26. Leia, por favor.

ZÁGARI – “ORA, É NECESSÁRIO QUE O SERVO DO SENHOR NÃO VIVA A CONTENDER, E SIM DEVE SER BRANDO PARA COM TODOS, APTO PARA INSTRUIR,



PACIENTE, DISCIPLINANDO COM MANSIDÃO OS QUE SE OPÕEM, NA EXPECTATIVA DE QUE DEUS LHES CONCEDA NÃO SÓ O ARREPENDIMENTO PARA CONHECEREM PLENAMENTE A VERDADE, MAS TAMBÉM O RETORNO À SENSATEZ, LIVRANDO-SE ELES DOS LAÇOS DO DIABO, TENDO SIDO FEITOS CATIVOS POR ELE PARA CUMPRIREM A SUA VONTADE”.

ALIEN – Certo. Vamos lá: você conhece servos do Senhor que vivam a contender?

ZÁGARI – (gargalhada) VOCÊ ESTÁ DIZENDO QUE UM VERDADEIRO SERVO DO SENHOR NÃO PODE VIVER A CONTENDER?

ALIEN – Eu não! A Bíblia que está dizendo! E o que eu mais vejo hoje em dia são servos do Senhor contendendo. O tempo todo. É impressionante. Olhe o Facebook!

ZÁGARI – ÉÉÉÉ... AHN... BEM...

ALIEN – Mas, vamos adiante no que Paulo escreveu. Você conhece cristãos terráqueos que são brandos com todos, inclusive com os que discordam deles? Seja sincero, Zágari!

ZÁGARI – PRECISO RECONHECER QUE CONHEÇO MUITO POCOS ASSIM.

ALIEN – Pois é. E cristãos aptos a instruir os que se opõem?

ZÁGARI – (silêncio) BEM... NA VERDADE... GERALMENTE, A NOSSA REAÇÃO AOS QUE SE OPÕEM NÃO É DE INSTRUÇÃO, MAS DE ATAQUES.

ALIEN – Olhaí! Exatamente! Tá vendo como a parada é louca aqui no cristianismo dos terráqueos? Mas tem mais! Vocês são pacientes com os que se opõem?

ZÁGARI – (risos) RAPAZ, NÃO ME FAÇA RESPONDER ISSO ...

ALIEN – Ah, tá achando ruim? Tem mais! E sobre o que Paulo escreveu, que é preciso o servo do Senhor “disciplinar com mansidão os que se opõem”? Fala a verdade, Zágari! A apologética de vocês, cristãos terráqueos, é feita com mansidão?

ZÁGARI – CARA, SÉRIO, NÃO ME FAÇA RESPONDER ISSO...

ALIEN – (risos) Tá, respondo eu. Vocês, em geral, são brutos na sua apologética. Verdadeiros *neanderthais*, tascando a clava na cabeça de quem se opõe ao que vocês acreditam. Vocês não aprenderam a disciplinar com mansidão os que se opõem, acham que Deus se agrada de ficarem em cruzadas internéticas contra os que se opõem.

ZÁGARI – MAS, ALIEN, VOCÊ PRECISA COMPREENDER QUE ESTAMOS FALANDO DE DEFESA DA FÉ. NÃO DÁ PRA SER BRANDO QUANDO OS FILHOS DA IRA SE OPÕEM AO EVANGELHO E...

ALIEN – Então, você está dizendo que, para defender a fé bíblica, podemos fazer o contrário do que a bíblia diz?

ZÁGARI – AHM... ÉÉÉ... NÃO, OLHA SÓ... É QUE...

ALIEN – Não tem “mas”, Zágari. A Bíblia diz ou não diz que devemos disciplinar com mansidão os que se opõem?

ZÁGARI – SIM, MAS...

ALIEN – Mas?

ZÁGARI – DEIXA PRA LÁ. (pausa, pensativo) EU ENTENDO QUE VOCÊ PRECISA ESTUDAR COISAS QUE NÃO ENTENDE, MAS... DEIXA PRA LÁ. DE MODO GERAL, QUAL É SUA PERCEPÇÃO GERAL SOBRE A PRÁTICA DO CRISTIANISMO NA TERRA?

ALIEN – Em poucas palavras, o que mais exigirá esforço dos nossos cientistas é tentar decifrar essa contradição entre a teoria doutrinária da Bíblia e a prática dos cristãos terráqueos. No nosso planeta, fazemos o que a Bíblia diz. Aqui, parece que milhões de pessoas acreditam no que está na Bíblia... mas, não vivem na prática o que ela diz.

ZÁGARI – É UMA CONCLUSÃO DESANIMADORA. OLHA, EU ESPERO QUE VOCÊ ESTEJA ERRADO NESSAS CONCLUSÕES. ESPERO MESMO. (silêncio) BEM, QUERIDO, QUE DEUS O ABENÇOE EM SEU RETORNO PARA CASA.

ALIEN – (levantando-se com pressa) Rapaz! Minha nave está saindo, preciso correr! Zágari, valeu pelo papo, mas tenho de ir! Grande abraço, meu amigo. Deus o abençoe!

Antes que o Alien subisse as escadas de sua nave, gritei de longe:

ZÁGARI – ALIEN! DEIXE UMA MENSAGEM PARA QUE OS TERRÁQUEOS VIVAM UM CRISTIANISMO CADA VEZ MAIS AUTÊNTICO!

De longe, ele gritou:

ALIEN – Meu amigo, se eles não vivem o cristianismo autêntico tendo a Bíblia em mãos, não será um homenzinho verde vindo de outro planeta que os fará...

E a porta da nave se fechou.



Cristão.

Maurício Zágari é bacharel em Teologia, pela FTSA - Faculdade Teológica Sul Americana. Estudou na PUC-RJ e é pós-graduado em Comunicação Empresarial, pela Faculdade UNIBF. Frequentou Colégio de São Bento. Editora Mundo

CRISTIANISMO E RELATIVISMO MORAL

O relativismo moral é uma das ameaças culturais mais danosas à causa do Evangelho. Relativismo moral e Evangelho não podem coexistir. Onde o Evangelho verdadeiramente prevalece, o relativismo moral desaparece. O exegeta N.T. Wright declarou: “o Evangelho de Paulo sobre Jesus e seu senhorio desafia todos os tipos de relativismo”. [1] O motivo é que no escopo principal de doutrinas do Evangelho se encontra a verdade de que Jesus é Senhor e é Aquele que detém autoridade absoluta nos Céus e na Terra (Mateus 28:18). O Evangelho que declaramos leva as pessoas a confessarem o Senhorio d’Ele como requisito para a salvação: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação” (Romanos 10:9,10). Se Jesus é o Senhor e exerce autoridade soberana sobre tudo, não há uma só esfera da existência que Ele não possa dizer: “é meu”, como diria Abraham Kuyper. [2] Isso inclui a esfera imanente da moralidade: Jesus é o único Senhor das consciências, sua norma escrita na Sagrada Escritura é a regra máxima do comportamento humano.

De forma geral, podemos definir o relativismo moral como a doutrina segundo a qual não existe um padrão moral absoluto para todas as pessoas de todas as épocas e em todos os lugares. Em outras palavras, certo e errado

“Jesus é o único Senhor das consciências, sua norma escrita na Sagrada Escritura é a regra máxima do comportamento humano.”

são noções sujeitas ao tempo e ao espaço que jamais podem encontrar uma aplicação universal. O que é terminantemente errado para alguém pode ser decisivamente correto para outro e vice-versa. Nenhuma opinião sobre assuntos morais pode ser considerada melhor que outra. É tudo relativo.

Isso é terminantemente contrário ao modo de pensar apostólico. Quando o grande missionário do cristianismo primitivo se pôs a pregar aos gentios no Areópago, ele contrariou severamente tudo aquilo que prezam os defensores do relativismo moral. Paulo assim anunciou: “*Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos*”, (Atos 17:30-31). Deus convoca (através de cada pregador do Evangelho) todos os homens, em todo lugar, a se arrependerem. Arrependimento é uma mudança completa de atitude, um abandono do antigo modo de viver. A pregação do Evangelho inclui uma real reinvindicação divina de domínio sobre o estilo de vida humano. Se Deus fosse favorável ao relativismo, a pregação do Evangelho seria uma sugestão, não um comando. Mas, Deus ordena o arrependimento. Ele requer a nossa obediência. Fazer o bem é fazer o que Deus ordenou.

Sabemos que – teologicamente falando – o cristianismo contraria o relativismo moral. Isso é indiscutível. No entanto, quais subterfúgios filosóficos teria um cristão para contrapor essa tendência cultural tão forte na era pós-moderna? Examinemos adiante alguns insights que podem ser úteis.

Examinando o Relativismo Moral

Para um defensor do relativismo moral, bem e mal são relativos. Em outras palavras, tudo o que se refere à moral tem como base preferências subjetivas. Por esse motivo, um proponente consistente do relativismo moral se “auto-refuta”, como bem explica o apologeta John Frame: “A afirmativa de que os valores éticos sejam meramente subjetivos contradiz a si mesma, como todas as declarações de subjetivismo ou de ceticismo. O que o subjetivista nos diz é que não temos qualquer obrigação moral de concordar com o seu subjetivismo, ao mesmo tempo em que nos diz que ninguém tem obrigação moral de concordar com qualquer coisa”. [3] O ponto de Frame é que, se todos os padrões morais são relativos e subjetivos, não existe diferença real entre os padrões e, portanto, não existem padrões melhores do que outros, os que os torna todo irrelevantes. Isso inclui o próprio padrão do relativista, é claro. Por que alguém deveria acreditar que o padrão



do relativista, segundo o qual todos os padrões são relativos, é correto, se o próprio padrão dele é relativo?

Ademais, como bem destacam Norman Geisler e Ronald M. Brooks, “para negar absolutos, é preciso fazer uma negação absoluta. É como dizer: ‘nunca diga nunca’. Você acabou de dizer... Ou seja, jamais deveríamos usar um termo absoluto para dizer que outro absoluto não existe. Como você pode eliminar, absolutamente, todos os absolutos morais?”. [4] O relativista defende que todos (um absoluto) valores morais são subjetivos (uma relatividade), cometendo uma contradição performática porque ele considera o ponto de vista dele superior (afinal, não creria nele e o defenderia), ao mesmo tempo em que defende que tudo nesse campo é relativo.

Deixando de lado as contradições teóricas internas, avaliemos agora as consequências nefastas para a vida prática das pessoas. Se a moral é relativa, de acordo com qual padrão podemos considerar Madre Teresa de Calcutá uma pessoa objetivamente melhor que Hitler? Se a moral é apenas uma questão de preferência subjetiva, por que deveríamos louvar uma doação de cestas básicas e reprovar um roubo de alimentos e não o inverso? Se estabelece aqui um verdadeiro caos. Quando sofremos uma injustiça, logo queremos ser reparados. Na vida prática, “agimos e pensamos como

se valores fossem objetivos". [5] Como Frame expõe: "é fácil descrever desse modo os padrões éticos de outras pessoas como sendo subjetivos ou emocionais. Mas, poucos de nós, se houve alguém, estariamos dispostos a descrever assim os nossos próprios padrões [...] Quando chamamos uma ação de "má" ou de "errada" [...] normalmente pretendemos dizer algo objetivo; roubo não é errado porque desgostamos dele; antes, não gostamos dele porque é errado. Nossa avaliação de roubo, em outras palavras, não é somente porque o nosso gosto é subjetivo". [6] Fazer caridade é sempre correto. Estuprar é sempre errado. Em todas as culturas, locais e tempos. Negar isso é um absurdo. Geisler e Brooks bem colocam: "C.S. Lewis mencionou vários deles [valores morais absolutos] em seus escritos. Ele mostrou que muitas coisas são reconhecidas universalmente como erradas, como por exemplo, a crueldade com crianças, o estupro, o assassinato sem uma causa justa e assim por diante". [7] É irônico que relativistas morais se queixem que, se o mal existe no universo, portanto, Deus não poderia existir. De acordo com qual padrão eles julgam que há mal no mundo? Se esses valores morais são absolutos e eternos, em contrapartida, o relativismo moral necessariamente está errado e se não são, o argumento do relativista contra a existência de Deus perde a força. O próprio Lewis, em sua fase ateísta, se deparou com essa contradição: "meu argumento contra Deus havia sido que o universo parecia muito cruel e injusto. Mas, de onde eu havia tirado essa ideia de justo e injusto? Uma pessoa só chama uma linha de torta se tiver alguma ideia do que é uma linha reta. Com o que eu estava comparando o universo?". [8]

Devolvendo o argumento

Além de ser incoerente, a teoria moralmente relativista traz a discussão para um campo favorável ao cristão. Como demonstraremos no prosseguimento, se valores morais absolutos existem (como se intentou provar anteriormente) deve existir algo que sirva como o fundamento objetivo desses princípios. John Frame explica o assunto da seguinte forma:

"Somente dois tipos de respostas são possíveis: a fonte da autoridade moral absoluta é pessoal ou impersonal. [...] Entretanto, que espécie de ser impersonal pode fazer isso? Certamente, se as leis do universo forem reduzidas ao acaso, nenhuma significância ética poderia simplesmente surgir. O que poderíamos aprender, de significância ética, de colisões de partículas subatômicas totalmente ao acaso? A qual lealdade seríamos devedores se tudo fosse ao acaso? [...] como é que uma estrutura impersonal poderia criar uma

obrigação? [...] Ou: em que base uma estrutura impersonal demanda lealdade ou obediência?". [9]

Simplificando: temos duas opções – ou a fonte do nosso padrão é pessoal ou impersonal. Como já demonstrado, a fonte não pode ser impersonal. Portanto, deve ser pessoal. Frame arremata: "obrigações e lealdades brotam no contexto de relacionamentos pessoais [...] se obrigações absolutas têm de surgir de relacionamentos pessoais, então obrigações absolutas têm de surgir de pessoas absolutas [...] Padrões morais, portanto, presumem padrões morais absolutos, que, por sua vez, pressupõem a existência de uma personalidade absoluta. Em outras palavras, pressupõem a existência de Deus". [10] É verdade que não provamos a partir disso que o cristianismo é verdadeiro, nem é esse o objetivo. O que demonstramos aqui é que aqueles que creem em Deus estão justificados em defender um padrão moral absoluto enquanto materialistas, ateístas e agnósticos que defendem padrões morais absolutos são completamente inconsistentes. No evangelismo, o cristão deve se empenhar em mostrar a maior razoabilidade racional da tese cristã a respeito da moralidade em comparação com as diferentes linhas.

Encerro esta seção com as palavras do Dr. Clark:

"Entre as prescrições morais, a opinião comum incluiria o sexto, sétimo e oitavo mandamentos. Não matarás, não adulterarás e não furtarás são geralmente consideradas leis morais importantes [até mesmo entre os incrédulos]. Um cristão ortodoxo ou judeu ortodoxo pode sincera e consistentemente inculcar essas leis porque crê que são leis de Deus. Elas são corretas porque Deus as ordenou. E são leis porque Deus impôs penalidades à sua transgressão. Dessa forma [defendemos que] a educação moral [somente] pode ser consistentemente baseada na religião bíblica [...] Obviamente, o humanismo, naturalismo ou ateísmo não têm esse fundamento para a moralidade nem aceita uniformemente essas leis." [11]

Conclusão

Foram manifestas suficientes provas para que possamos crer (A) que o relativismo moral leva a inúmeras consequências filosóficas ruins – tais como contradições lógicas (auto-refutação) e contradições práticas (anarquia teórica que pode reverberar em repita-se: nefastas consequências para a práxis social), (B) o cristianismo escapa as problemáticas elencadas fornecendo bases sólidas sob as quais o padrão moral absoluto objetivo pode ser fundamentado.

Faço coro às palavras de Tim Keller: “Se você insistir que ninguém é capaz de identificar as crenças corretas e equivocadas [quanto à moral], porque acreditariam no que você está dizendo? Na verdade, todos alegamos ter posse da verdade [quanto a esse assunto]”. [12] Os cristãos devem explorar essas questões ao abordarem incrédulos. O cristianismo fornece o que essas ideologias não podem fornecer: um Rei absoluto na Pessoa de Jesus Cristo que exige a obediência e lealdade de cada ser humano, do maior ao menor, do mais pobre ao mais rico e, com isso, uma lei confiável na qual podemos descansar. Façamos as seguintes perguntas aos incrédulos: “como é que você está seguro que o relativismo [moral] é verdadeiro, quando ele mesmo descarta toda segurança? [...] Que base você usa para a

tomada de decisões? Que base você tem para criticar o tratamento que outros lhe dispensam? Como pode dizer que uma coisa está errada ou é injusta?”. [13]

Atacaremos os pressupostos deles diretamente e sustentaremos a nossa visão contra essas perspectivas.



Jadson Targino da Silva Júnior, 20 anos, é membro da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Cruz das Armas, João Pessoa/PB. Seminarista pelo CETAD/PB, é graduando em Ciências da Religião pela UFPB.

NOTAS

- [1] N.T. Wright. *Paulo em Diferentes Perspectivas*. Palestra proferida na Auburn Avenue Presbyterian Church (Moroe, Louisiana), em 3 de Janeiro de 2005.
- [2] Cf. *Sphere Sovereignty* (p. 488) cited in James D. Bratt, ed., Abraham Kuyper, *A Centennial Reader*, (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998).
- [3] FRAME, John. *Apologética para a Glória de Deus*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã. 2010, p. 80.
- [4] GEISLER, Norman; BROOKS, Ronald. *Resposta aos Céticos*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD. 2015, p. 304.
- [5] FRAME, John. *Apologética para a Glória de Deus*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã. 2010, p. 79.
- [6] *Ibid.*
- [7] GEISLER, Norman; BROOKS, Ronald. *Resposta aos Céticos*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD. 2015, p. 304.
- [8] LEWIS, C.S. *Cristianismo Puro e Simples*. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson. 2017, p. 71.
- [9] FRAME, John. *Apologética para a Glória de Deus*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã. 2010, p. 81.
- [10] *Ibid*, p. 82-83.
- [11] CLARK, Gordon. *Ensaios sobre ética e política*. 1 ed. Brasília, DF: Editora Monergismo. 2018, p. 21.
- [12] KELLER, Tim. *A fé na era do Ceticismo: como a razão explica Deus*. 1 ed. São Paulo: Vida Nova. 2015, p. 37.
- [13] FRAME, John. *Apologética para a Glória de Deus*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã. 2010, p. 154.

Antes que chegue o fim,
EU SOU!



“O novo dia começou na cruz, com a maior demonstração de amor de todas as eras. A Igreja Primitiva vivenciou, durante o tempo de tribulação, a madrugada do novo dia, quando Jesus lhes parecia como a Estrela da Manhã. Somos convidados a vivenciar a alvorada desse Dia chamado Hoje, e aguardar pelo momento em que o Sol se posicionará no centro do Céu, dissipando as sombras, e trazendo avaliação e juízo a todas as obras. Quando isso se der, não apenas nossas obras serão julgadas, mas também as motivações que as produziram.”

- Hermes C. Fernandes

Estou muito contente - a Deus, toda a honra e glória para sempre - em poder contribuir com a Revista Fé Cristã. Agradeço a meu amigo Marcos Motta, por me confiar a coluna que trata da doutrina que carrego no coração com muito amor e devoção. Há muito tempo, a escatologia me encantou, produzindo desafios e também consolo, e tudo isso unido à segurança no Senhor que, através desta doutrina, me trouxe muita luz e satisfação n'Ele. À serviço do Reino, pretendo mostrar aos leitores da Revista Fé Cristã a doutrina em sua complexidade, quer seja na área filosófica, quer seja na área especulativa, tanto nas questões ortodoxas, como também nas questões históricas. Sem esquecer a aplicação de tudo isso ao coração do leitor, buscarei trazer maturidade para os que já têm intimidade com a matéria e apontar para aqueles que não são íntimos dela um olhar novo para Cristo, como Aquele que é o Senhor de nossa história e também do cosmos, onde tudo está submetido a Ele.

O academicismo sistemático, ao longo dos anos, deu uma boa orientação à doutrina, a fim de que ela se tornasse uma matéria de fácil entendimento. No entanto, a escatologia, comparada às outras doutrinas, se mostra ainda engessada, limitada e, para muitos, não merecedora de atenção. Isso, de certa forma, é consequência direta do fato de que as linhas escatológicas mais populares não respondem grande parte das perguntas daqueles que têm o primeiro contato com a doutrina, isto é, não fornecem as respostas que todo cristão necessita. Infelizmente, a “escatologia preguiçosa” se limita a ter voz apenas no que tange à Grande Tribulação e Milênio, o que é uma lástima perto de tudo o que a doutrina tem a nos dizer, como, por exemplo, sobre a revelação do caráter de Deus através de suas ações ao longo da história. O que se percebe é que a maioria dos estudiosos acaba caindo no populismo das escolas milenaristas, enquanto pesquisadores com uma abordagem investigativa, compreendem e aplicam melhor a doutrina, colocando-a nas esferas corretas de aplicação em nossa vida com Deus.

Escatologia

O nome da doutrina (escatologia) é derivado do grego *eschatos*, que quer dizer “último”. A partir do termo grego, temos a origem daquela que conhecemos como “a doutrina das últimas coisas”, que, não obstante o nome, não se envolve apenas na revelação final de tudo o que envolve o homem e a criação, antes, traz-nos tanto o conhecimento da “escatologia individual”, quanto da “escatologia cósmica”, isto é, a revelação das experiências que se colocam, umas, no futuro do indivíduo e, outras, no futuro da raça humana e de toda a Criação. A primeira, a escatologia individual, ocorrerá a cada indivíduo na hora da morte. A segunda, a escatologia cósmica, ocorrerá a todas as pessoas, simultaneamente, em associação com eventos cósmicos, quando da segunda vinda de Cristo.

A Bíblia, quando se trata de escatologia, não tem interesse em responder curiosidades, ao mesmo tempo em que não mede esforços para consolar e encorajar. A partir de uma visão mais panorâmica da natureza da doutrina, dizemos que ela é “a direção de Deus no exercício da Aliança da fidelidade ativa na ordem criada”. Ensinando desta forma, tornamos mais evidente para o leitor, na doutrina, o trabalho TRINITÁRIO na ênfase CRISTOCÉNTRICA da criação, que é sempre orientada para um futuro governado pelos bons propósitos de Deus para a história, construída para revelar o triunfo de Cristo, vitorioso pelos séculos dos séculos. Por causa dessa ênfase cristocêntrica, o dedo do Deus trino move a história adiante, conferindo direção e propósito ao curso de toda a Criação, se fazendo entender e manifestando Sua soberania tanto em seu decretar como em seu executar. Através da escatologia, Deus coloca diante de nossos olhos os verdadeiros motivos da existência humana, isto é, Ele nos ensina que existimos para que a eternidade seja povoada por pessoas semelhantes ao Seu Unigênito amado.

Deus, como Senhor do tempo e da história, assim como de todo o desenvolvimento dentro dela através de Seu firme, justo e confiável governo, se revelou aos hebreus quando estes vagavam pelo deserto com pouco conhecimento de quem era o Deus de seus pais, Abraão,

Isaque e Jacó. Em Gênesis, portanto, Ele se auto-revelou a estes hebreus como sendo o único Deus e Senhor, poderoso em glória e majestade, verdadeiro Criador dos céus e da terra, Aquele que deu origem à existência e à toda criatura e que deu fôlego de vida ao homem. Desta forma, quando tratamos, na escatologia, dos livros bíblicos de Gênesis e Apocalipse, estamos nos referindo aos livros que mostram o início e a consumação de todas as coisas, que são chamados de “a Primeira e Ultima estrela”, isto é, o “Princípio e o Fim” (Alpha e Ômega). Gênesis revela o Deus que começa a história, já o livro de Apocalipse mostra como essa história será concluída.

Para base de nosso estudo escatológico, vejamos alguns dos paralelismos existentes entre os dois livros:

1. Gênesis mostra a Antiga Criação, Apocalipse mostra a Nova Criação.
2. Gênesis mostra a primeira obra de Satanás, Apocalipse mostrar sua a punição por esta obra.
3. Gênesis mostra o casamento do primeiro Adão, Apocalipse mostra o casamento do segundo Adão.
4. Gênesis relata sobre dor e lágrimas, Apocalipse diz que Deus enxugará de nossos olhos toda lágrima.
5. Em Gênesis, o paraíso é perdido; em Apocalipse, ele é restaurado.
6. Em Gênesis, é vedado o caminho da árvore da vida; em Apocalipse o acesso a ela se torna livre.
7. Em Gênesis, a morte entra no mundo; em Apocalipse, ela é plenamente derrotada.
8. Em Gênesis, o homem escondeu seu rosto de Deus; em Apocalipse, o homem voltará a ver a face de Deus.

Assim como qualquer outra doutrina ortodoxa, se não compreendermos sua verdadeira mensagem, aplicando-a ao coração, nosso desenvolvimento na caminhada cristã será prejudicado, pois, se o espírito da profecia teve a certeza de inspirar homens a escreverem acerca do governo de Cristo ativo na Criação através da história, é porque Ele, como o agente da regeneração, sabia que observar o cumprimento das promessas de Deus no passado produziria em nós fé suficiente para crermos nas promessas que estão além de nosso tempo presente, no futuro.

Atualmente, quando observarmos o que andam fazendo com a doutrina, nosso coração chora devido à forma despreocupada e isenta de temor e dedicação com que muitos se relacionam com ela. Existem muitos

extremistas que, de alguma forma, retém as coisas que lhe são convenientes, interpretando textos de forma imatura e despreocupada, ensinado aos leigos e novos na fé uma escatologia onde as trevas e Satanás prevalecem, o que é totalmente contrário ao que a ortodoxia ensina. Isso explica tanto os pequenos equívocos, quanto as heresias absurdas que vemos mundo afora, que dão base à fábulas como os Illuminati, os Reptilianos, as inúmeras e “frustradas” datas de retorno do Messias, às nomeações de Estados Unidos, Espanha, Arábia e África como sendo “os quatro cavaleiros do Apocalipse”, etc. Do mesmo modo, já existe um novo termo que se aplica àqueles que fazem teologia com a Bíblia em uma mão e um jornal do dia na outra: estes já são conhecidos como “escatomaníacos”.

A curiosidade unida com uma leitura despreocupada da doutrina, gerou também os “escato-radicalis”, que reduzem toda a fé cristã à escatologia, criando a partir dela, toda o seu manual doutrinário e dogmático. Para estes, o assunto principal não é o fim de todas as coisas, mas o início de uma nova era. Por fim, ao meu ver, o mais nocivo entre todos, a deficiência que mais assola a igreja de Cristo na área escatológica, é a “escatofobia”, que define as pessoas que têm medo, aversão ou grande sentimento de recusa pela doutrina escatológica. A escatofobia é a nomenclatura popular utilizada para se falar das pessoas que, apesar de não terem escutado mais do que dez minutos de um sermão que promove alguma das escolas escatológicas mais populares, colocam um adesivo com o nome da respectiva escola dentro da Bíblia e passam a se auto definir como concordantes dela, de maneira que nunca mais estudarão ou questionarão nada que coopere para a solidificação de conhecimento e da fé, e, pior do que isso, em todas as vezes que ouvirem o nome da doutrina em alguma roda de amigos, apenas dirão: “Eu sou ‘Z-milenista”, correndo de todas as perguntas, sem conseguir explicar seu credo escatológico, e isso, não para evitar vãs discussões, mas por que ignoram de fato o estudo da doutrina. Escatofobia, acima de tudo, é o reflexo da dificuldade que muitos têm de entender textos do Antigo Testamento, e a falta de humildade em reconhecer que o seu tempo dedicado ao estudo das Escrituras não tem sido suficiente para conhecer doutrinas como a escatologia. Enfim, a escatologia sofre também pela escassez de materiais prontos, diferente de outras doutrinas como a Soteriologia, sobre a qual há enorme quantidade de materiais escritos pela tradição cristã ao longo dos séculos.

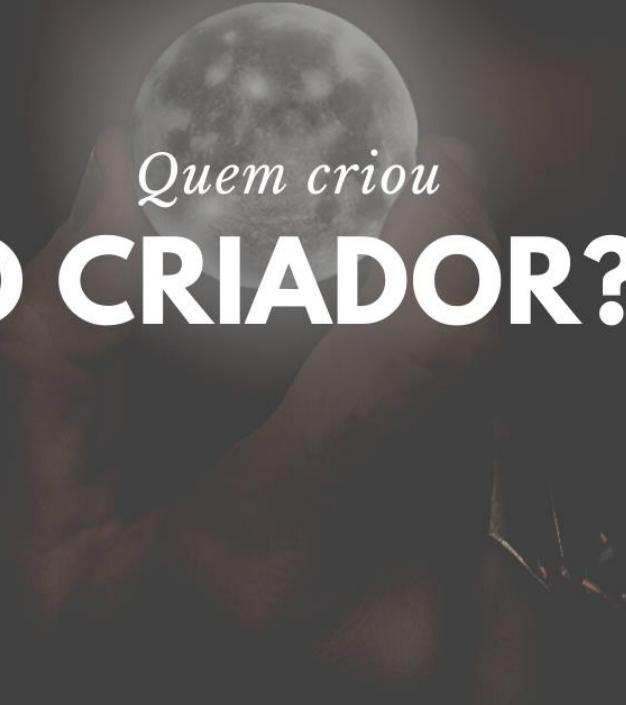
Quando amamos uma coisa, é de praxe querer conhecê-la mais. Se amamos a Deus, isso necessariamente deve acontecer em nossa relação com a Escritura. O fato é que a doutrina faz parte da Palavra do mesmo Deus, da mesma Escritura. Veja que a vontade de revelar o Seu poder e o Seu insondável conhecimento através do registro de seus decretos cumpridos na história, partiu do coração de Deus, não do homem especulador e fantasioso. Os maiores mestres, eruditos e pensadores que escreveram sobre escatologia afirmavam que a Bíblia em diversos textos referentes a doutrina, não faz questão de nos dar uma explicação mais detalhada, porém, o cristão não pode se comportar como um desorientado ao refletir sobre a doutrina. Oremos, portanto, para que Deus traga luz a nossos corações também sobre isso e, que possamos lembrar que, quer olhemos para o início de tudo, quer olhemos para o seu fim, somos escatologicamente dependentes de Deus. Antes de tudo existir, Deus é. Quando tudo teve um começo, Deus é. E quando tudo acabar e começar de novo, Ele continuará sendo. Na escatologia, não

olhamos apenas para o final de tudo, mas, Aquele que ordena o caos e direciona todos os meios para seus devidos fins, nos diz: “antes que chegue o fim, EU SOU!”.

Hoje, dedico meus esforços à minha esposa Sabrina Carvalho, mulher através de quem Deus tem tocado minha face e curado meu coração de todos os falsos amores.



Leandro Carvalho da Silva, 35 anos, é casado com Sabrina Carvalho. Pai de Samuel, Bernardo e Mathias, serve a Deus como auxiliar na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, distrito Mário Quintana, em Porto Alegre/RS. Iniciou o bacharelado em Teologia, pelo Instituto Reformado Santo Evangelho. Trabalha na área comercial como consultor óptico e pesquisa escatologia há seis anos como autodidata.



Quem criou
O CRIADOR?

Dentro dos debates apologéticos a respeito da existência divina, alguns ateus questionam: “Quem criou o Criador?”. Devemos encarar tal pergunta com certo grau de credibilidade, isto é, apesar de ela não possuir uma base lógica coerente, é um pensamento bem natural e deve ser respondido. O assunto é importante porque é um dos temas centrais do pueril livro do biólogo Richard Dawkins - “Deus, um delírio”. Na linha cristã de combate, muitos crentes propõem algumas respostas à indagação nem sempre satisfatórias, principalmente porque a maioria é impactada pela pergunta. É impossível responder uma pergunta que também estamos nos perguntando, não é mesmo? E nesta tarefa precisaremos passar por alguns tópicos importantes.

Antes de tudo, pode parecer uma resposta conformista, do gênero “é assim porque Deus quis assim”, mas realmente não faz sentido perguntar a origem de um ser que não possui origem. Já que um ser não possui origem, propor uma origem para ele é uma contradição.

O silogismo inserido dentro da pergunta é o seguinte:

- 1 - A Causa Primeira existe.**
- 2 - Tudo o que existe precisa de uma causa.**
- 3 - Logo, a Causa Primeira precisa de uma causa.**

A primeira premissa é deduzível logicamente, mas a segunda está incorreta, portanto, a conclusão é falsa. Mas, por quê? Pense, se tudo o que existe precisa necessariamente de uma causa, há uma regressão infinita no passado. Basicamente,



Deus criaria outro Deus, infinitamente na eternidade, e isso não é possível. O motivo é que infinitos reais não existem e o presente existe.

a. Infinitos reais são impossíveis.

Imagine um hotel que possui quartos infinitos. Este hotel jamais estará lotado, pois isso é impossível. Tente pensar agora no maior número natural concebível. Provavelmente percebeu que você pode somar mais uma unidade em seu valor infinitamente. Isso significa que os números são infinitos. Porém, não há nada no Universo que possua uma quantidade infinita de unidades, logo, infinitos reais (quantitativos) são impossíveis.

Se os números são infinitos, isso significa que existe a mesma quantidade de números pares e números naturais, visto que não existem conjuntos infinitos maiores que outros. Para provar este axioma matemático podemos ligar os valores dos conjuntos um a um, como no exemplo a seguir: números naturais (1, 2, 3, 4, 5, ...), números pares (2, 4, 6, 8, 10, ...). Se continuarmos, logo em seguida temos o número 6, ligado ao 12, e quando surgir o 7, ele estará ligado ao 14, e assim ocorrerá infinitamente, provando que ambos os conjuntos são infinitamente iguais. O mesmo ocorre com o “hotel infinito”, exemplo que veio do matemático do século XX, David Hilbert.

Supondo que houvesse um hotel infinito “lotado”, e um hóspede chegasse para realizar o *check-in*, o dono do hotel poderia solicitar que todos os hóspedes mudassem para o quarto seguinte. Ou seja, o hóspede A que estava no quarto 1, mudaria para o quarto 2, e o hóspede B que estava no quarto 2, mudaria para o quarto 3, e assim sucessivamente. Veja que sempre terá um quarto vago para um novo hóspede, mesmo que cheguem trilhões e trilhões de hóspedes por milésimo de segundo por toda a eternidade – pois os quartos são infinitos.

Pense agora que 1 em cada 100 quartos do “hotel infinito” está sem energia elétrica. Isso significa que 1 em cada 100 hóspedes irão para o quarto com problemas elétricos? Sim, mas ao mesmo tempo, não. Se você passar pelo corredor com todas as infinitas portas abertas, realmente encontrará um quarto

**Antes de tudo,
pode parecer
uma resposta
conformista, do
gênero “é assim
porque Deus quis
assim”, mas
realmente não faz
sentido
perguntar a
origem de um ser
que não possui
origem. Já que
um ser não
possui origem,
propor uma
origem para ele é
uma contradição.**

Cremos que é impossível que o causador do tempo tenha um começo ou o causador do espaço ocupe um lugar, visto que, se Ele causou o tempo e o espaço, Ele não faz parte deles.

com problemas dentre cem. Porém se você começar a criar pares de quartos com eletricidade e sem eletricidade, para cada quarto perfeito encontrará outro com defeito, veja: quartos perfeitos (1, 2, 3, 5, 6, ...); quartos defeituosos (4, 104, 204, 304, 404, ...). Como os quartos são infinitos, existem quartos defeituosos infinitos e quartos perfeitos infinitos, de maneira que ninguém precisaria ficar em um quarto defeituoso.

Com isso, provamos que infinitos reais não podem existir na realidade.

b. Logo, uma regressão infinita também é impossível.

Se, como provamos, infinitos não podem existir, logicamente, uma regressão infinita de eventos também não. E a maior prova disso é que o presente é real.

Pense: se, no passado, deuses criaram outros deuses em série infinitamente, eles deveriam estar criando outros deuses neste exato momento. Se há uma regressão infinita para o passado, ela precisa necessariamente estar ocorrendo agora, porque é infinita. Uma sucessão infinita não pode acabar, porque por definição, ela não possui fim. Neste sistema ilógico não existe o Deus A, que criou o Deus B, porque na verdade o Deus A também precisa de uma outra causa, que podemos chamar de Deus A1, criado pelo Deus A2, e assim infinitamente para o passado, impedindo então que o presente pudesse existir. A realidade do presente refuta completamente a ideia ateísta.

A própria ciência (divinizada por muitos ateus) os refuta, visto que conforme a 2ª Lei da Termodinâmica, as evidências da expansão do Universo e a radiação do Big Bang, fica provado que houve o Dia 1, onde o tempo e o espaço começaram a existir. Diante disso, cremos que é impossível que o causador do tempo tenha um começo ou o causador do espaço ocupe um lugar, visto que, se Ele causou o tempo e o espaço, Ele não faz parte deles.

c. Conclusão

O argumento cosmológico Kalam funciona assim:

- 1. Tudo o que veio a existir tem uma origem.**
- 2. O Universo veio a existir.**
- 3. Logo, o Universo tem uma origem.**

Esta origem, por definição, precisa ser tudo o que o Universo não é, porque



também é impossível que o Universo crie a si mesmo. Imagine, como a matéria daria origem à matéria, sendo que ela não poderia existir antes de sua origem?

Deveríamos crer então que a matéria é auto-existente? Mas o que é auto-existente não pode decair, como prova a 2ª Lei da Termodinâmica. Por isso, é lógico que a Causa Primeira precisa estar além das características e elementos do Universo. Precisa ser atemporal (para iniciar o tempo), imaterial (para dar origem a matéria), poderosa (para criar do nada, algo), transcendental (para estar além desta realidade), pessoal e independente (para decidir pela Criação ao invés do nada), entre outras coisas.

Ateus geralmente enxergam mal o argumento porque deturpam a segunda premissa. Não estamos dizendo que tudo tem uma origem, mas sim que tudo o que veio a existir precisa de uma origem. Se Deus nunca veio a existir (porque sempre existiu), logo, Deus não tem origem. Por isso, dizemos que Deus é, como ele próprio se chama de “*EU SOU*”.

“*Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim*” (Apocalipse 22:13).

“*Antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá*” (Isaías 43:10b).

“*Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel, de eternidade a eternidade!*” (Salmos 41:13a)

“*Antes de nascerem os montes e de criares a terra e o mundo, de eternidade a eternidade tu és Deus.*” (Salmos 90:2)

“Disse Deus a Moisés: “*Eu Sou o que Sou*”. (Êxodo 3:14a)

Por Cristo e por Seu Reino, amém.



Gabriel Lopes é bacharel em Ciência da Computação, pela Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro/RJ. Criador do portal Dragão na Garagem, é um dos diretores teológicos do Instituto Verbum, e estudioso de teologia desde 2010.



Quando as amizades falham

Vamos falar de amizade e suas crises?

Se você percorrer os primeiros quinze capítulos do livro de Atos, verá uma estreita parceria entre Paulo e Barnabé. Eles viajavam e pregavam juntos, faziam maravilhas e eram espancados juntos. Suas vidas estavam muito interligadas. Você definitivamente diria que esta seria uma amizade inseparável.

Mas, em Atos 15:39, Paulo e Barnabé enfrentam um embate tão forte e direto, ao ponto de arrebentar a corda que sustentava o relacionamento, levando cada um a seguir em direções diferentes.

Em todo o livro de Atos, Barnabé é conhecido como o “incentivador”. Quando se tratava de dar às pessoas uma segunda chance, ele era generoso. Paulo, por outro lado, achava mais difícil trabalhar com pessoas que já o haviam decepcionado. E quando Barnabé quis incluir João Marcos na relação, Paulo não conseguia concordar. Os dois amigos tinham ideias tão diferentes sobre isso que não conseguiam trabalhar juntos.

Opiniões diferentes não precisam ser justificativas para terminar uma amizade, mas, às vezes, elas podem enviar amigos para direções opostas. O que você pode fazer se isso acontecer com você? Pense se o mais importante é manter sua opinião ou trabalhar com o relacionamento. Se você e seu amigo concordarem em discordar, faça-o de maneira sábia e generosa. Não destrua seu relacionamento com seu amigo só porque ele pensa diferente de você.

Pense nisso.

Big hug,

Rael!



Israel Terra é pastor auxiliar na AD Cachoeirinha/RS. Também é escritor e editor do blog [@praforadacaixa](#). Maridão da [@kellenterrinha](#) e paizão da [Sarinhanh](#).

UNIDADE

ECLESIOLÓGICA NA DIVERSIDADE TEOLÓGICA?





Quando olhamos para esse mundo, vemos que há unidade na diversidade. Na filosofia, o uno e o múltiplo se espalham pelas avenidas da ontologia, epistemologia e ética. Na biologia, múltiplos seres têm características comuns no âmbito fisiológico e anatômico. Na política, matemática, química e teologia vemos o conceito de unidade na diversidade.

Contudo, olhando especificamente para a Igreja, tendo o entendimento sobre as várias linhas teológicas existentes, surge-nos o questionamento sobre a unidade eclesiológica na diversidade teológica. Ou seja, é possível haver unidade nas denominações em meio às múltiplas teologias?

Buscando encontrar uma resposta, navegaremos pela história eclesiástica, tentando entender o que significa o atributo “Una”, do Credo Niceno-Constantinopolitano, elaborado em 381 d.C. [1] Caminharemos através de um estudo exegético do caso dos judaizantes na Galácia. [2] Por fim, indicaremos uma postura cristã para lidar com a diversidade de pensamentos teológicos. [3]

1. O que significa a Igreja ser “Una”?

Não há como negar, a igreja de Cristo tem unidade e diversidade. Em Efésios 4:4-6, vemos que há um só corpo, representando o Corpo de Cristo. Nesse corpo, há diversidade de povos, de pessoas, de classes e dons. Logo, a Igreja revela em si a multiforme graça de Deus, sendo uma organização que tem unidade na diversidade.

Mas, o atributo “Una”, do Credo, diz respeito a que aspecto da Igreja? Organizacional ou doutrinário? O atributo “Una” está representando uma unidade no aspecto doutrinário. Nós somos chamados a ter uma unidade de mente e do conhecimento do Senhor (1 Coríntios 1.10). Gordon Clark defende que a unidade doutrinária é a prioridade maior no pensamento paulino. Ele diz: “sem unidade doutrinária, a unidade organizacional não é unidade”. [4]

A pergunta que surge é: quais doutrinas são essenciais para essa unidade? Acredito que sejam as doutrinas fundamentais da fé em seus aspectos mais claros. Por exemplo, é necessário crer que existe um único Deus que subsiste em três pessoas. Agora, entender a economia da Trindade é algo simples e claro. Crer que Cristo vai retornar para consumar sua obra é fundamental para a unidade doutrinária. Todavia, quais as características desse milênio governamental de Cristo, se ele é de sofrimento ou crescimento, por exemplo, já não é algo simples e claro nas Escrituras.

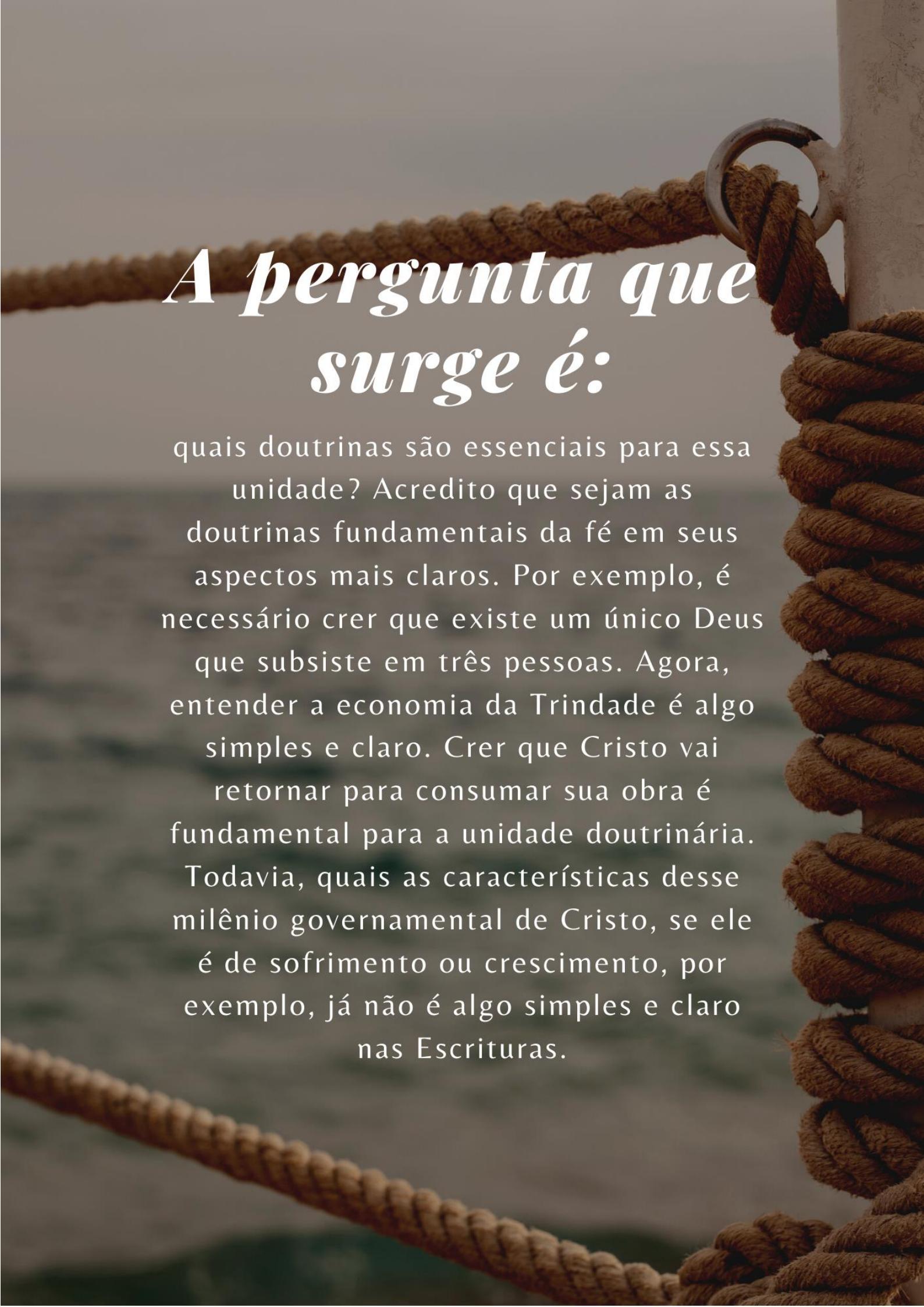
Logo, pode haver uma unidade sim entre as denominações, desde que haja uma unidade no núcleo básico da fé, ou seja, uma unidade nas doutrinas essenciais da fé.

2. Qual o problema de se ter “outro evangelho”?

O Evangelho é algo central no cristianismo. Ele traz em seu cerne a mensagem da salvação. Isso é visto desde Gênesis 3:16, quando Deus fez a maravilhosa promessa do Messias, que pisaria na cabeça da serpente. Depois, vemos essa promessa tomando forma, corpo e ficando cada vez mais colorida na medida em que a revelação vai progredindo. Até que chega o tempo em que Deus se torna homem para cumprir Sua promessa de salvação ao Seu povo.

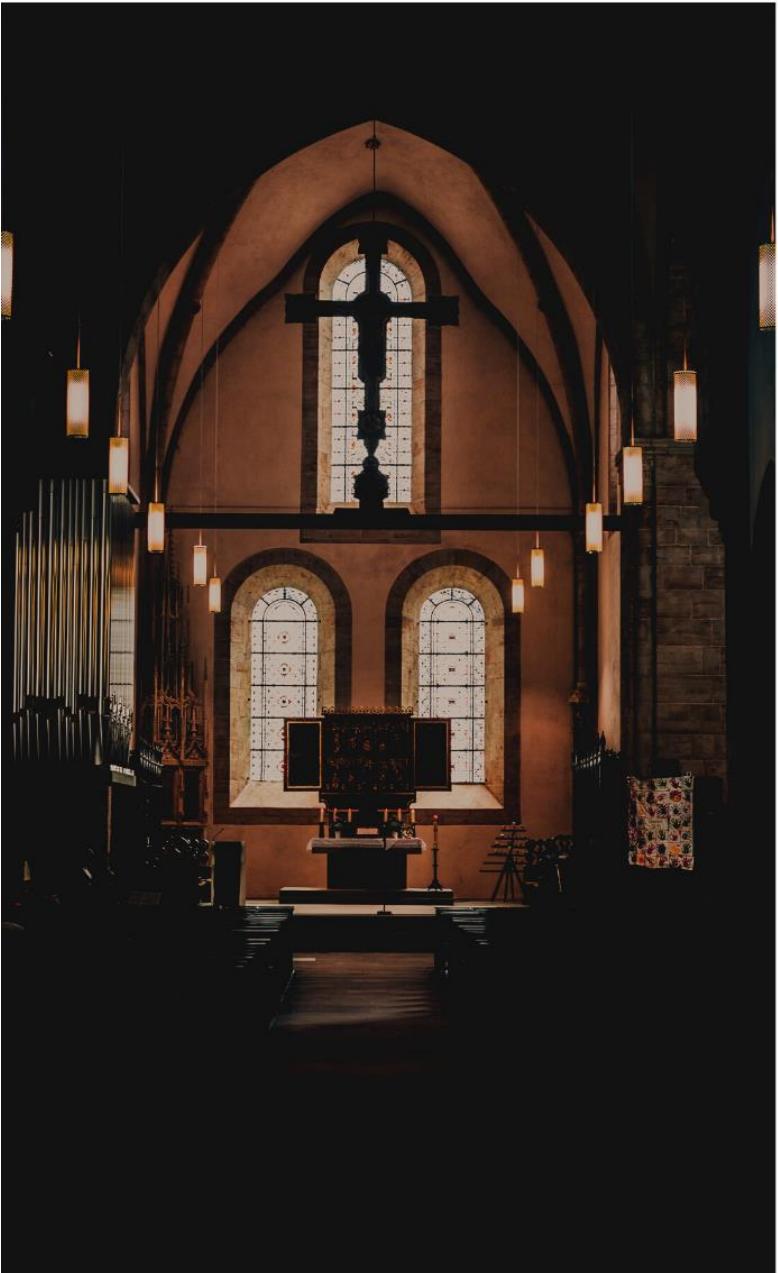
Deste modo, interpretar e comunicar o Evangelho conforme as Escrituras nos orientam é essencial para a unidade eclesiológica. A mensagem petrina e paulina estavam fundamentadas na obra de Cristo, em Sua morte e ressurreição. Por isso, Paulo diz que sempre pregou a Cristo crucificado (1 Coríntios 1:23).

A interpretação e comunicação do Evangelho eram tão importantes para Paulo, que o levaram a se envolver em um embate na Galácia. Nessa carta, Paulo foge do seu padrão de dar graças e orar pelos destinatários, passando



A pergunta que surge é:

quais doutrinas são essenciais para essa unidade? Acredito que sejam as doutrinas fundamentais da fé em seus aspectos mais claros. Por exemplo, é necessário crer que existe um único Deus que subsiste em três pessoas. Agora, entender a economia da Trindade é algo simples e claro. Crer que Cristo vai retornar para consumar sua obra é fundamental para a unidade doutrinária. Todavia, quais as características desse milênio governamental de Cristo, se ele é de sofrimento ou crescimento, por exemplo, já não é algo simples e claro nas Escrituras.



a criticar fortemente a postura dos gálatas em relação ao Evangelho.

A primeira evidência dessa crítica é que os gálatas estavam pervertendo o Evangelho que tinha sido pregado por Paulo. Ele usa o verbo “*metatiqesqe*” para indicar a proximidade e a natureza da perversão deles diante do Evangelho. Esse verbo significa “transferir, mudar opinião, perverter a mentalidade”. [5] Por isso, a nossa tradução traduziu como “*estejais passando tão depressa*”, ou seja, era como se Paulo dissesse: “vocês estão mudando rapidamente de opinião quanto ao Evangelho que preguei”.

A segunda evidência é que o evangelho dos judaizantes da Galácia era de outra natureza em relação ao que fora pregado por Paulo. Ele usa dois adjetivos que têm a mesma tradução para mostrar a diferença de conteúdo. O primeiro adjetivo é “*eteron*”, que significa “outro, que

tem uma natureza diferente”. É desse adjetivo que vem a palavra *heterogêneo*. Calvino [6], ao comentar esse versículo, diz que os gálatas estavam inventando um Cristo imaginário, ao invés de abraçar o Cristo verdadeiro.

O segundo adjetivo é “*allos*” que significa “outro, da mesma natureza”. Esse adjetivo é usado por Jesus quando Ele diz que enviaria outro consolador da mesma natureza que a dele, que seria o Espírito Santo (João 14:16).

Assim, no texto, temos:

[...] estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro (de natureza diferente, falso) evangelho, o qual não é outro (da mesma natureza, verdadeiro), senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo”. (Gálatas 1:6-7)

Paulo mostra através desses adjetivos que os gálatas estavam abraçando um evangelho de natureza diferente daquele que ele tinha pregado. Um evangelho falso em contraste com o verdadeiro que tinha sido anunciado por ele. Sendo assim, os judaizantes da Galácia estavam interpretando de forma errada e mudando a natureza do Evangelho de Cristo.

A terceira evidência é a condenação enfática de Paulo acerca dos que interpretam e pregam um evangelho diferente. Ele usa um caso hipotético e hiperbólico ao mesmo tempo para mostrar a importância de uma interpretação e comunicação corretas do Evangelho. Pois, ele menciona que mesmo se um anjo pregar outro evangelho, ele deverá ser considerado anátema. A palavra “*avnaqema*” significa alguém amaldiçoado, excluído pelo conselho da sinagoga e que não receberia mais as bênçãos de Deus e o cuidado do povo. Deste modo, Paulo entendia que quem mudasse ou alterasse a interpretação do Evangelho era digno de receber essa dura punição.

Dessa forma, pode haver unidade entre os diversos pensamentos teológicos, desde que haja um esforço sincero e contínuo para interpretarmos e comunicarmos o Evangelho conforme as Escrituras.

3. Ovidos e coração abertos para a palavra.

Tiago já nos disse para sermos bons ouvintes e termos um coração aberto para praticar as Escrituras (Tiago 1:19-23). Ouvir as Escrituras é um aspecto da inclinação do coração que mostra o nosso desejo de aprender e praticar suas verdades.

Seguindo Tiago, Paulo vai nos dizer que a postura de nobreza cristã diante dos múltiplos pensamentos teológicos é ter os ouvidos e o coração escancarados para ouvir a Palavra de Deus. Esse ensino é relatado por Lucas no livro de Atos, quando Paulo chega a Beréia (Atos 17:10-11).

Nesse relato, Paulo diz que os bereanos eram mais nobres que os tessalonicenses, não porque tinham mais riqueza, conhecimento ou eram pessoas renomadas, mas porque desejavam ouvir das Escrituras e, a partir delas, examinavam cuidadosamente todos os ensinos dele.

Qual tem sido nossa postura diante das diferenças teológicas? Somos arrogantes ao ponto de achar que nossa tradição é inerrante? Somos pretenciosos em nem ouvir o que linhas diferentes têm a dizer, porque “sabemos” que não terão nada a acrescentar-nos?

A melhor postura de um teólogo é estar com a consciência cativa às Escrituras. A posição mais nobre de um cristão, independente da sua tradição, é ansiar, desejar, ter prazer e buscar abrir o coração para ouvir as Escrituras e, juntamente com isso, ser um pesquisador, examinador e um paleontólogo da Palavra de Deus. Logo, a unidade entre os diferentes pensamentos teológicos pode existir se tivermos uma postura de ouvintes e examinadores das Escrituras, buscando conhecê-las e submetendo nossa tradição a elas.

Portanto, mesmo diante das diferentes posições teológicas, podemos nos aproximar de uma unidade quando passarmos a ouvir com atenção os diferentes pensamentos, examinando-os diante das Escrituras e submetendo os nossos pensamentos a ela também.

Conclusão

Diante do que foi visto, o presente artigo conclui que, a unidade eclesiológica em meio às diferenças teológicas, pode existir se:

- Houver um núcleo básico comum de doutrinas fundamentais e essenciais que nos direcionaram nos diálogos.
- O Evangelho for interpretado e anunciado sem a influência de nossos interesses, costumes ou idiossincrasias, mas com o esforço desejoso de entendê-lo conforme as Escrituras.
- Tivermos uma postura humilde e nobre de ouvirmos as posições diferentes, avaliando-as segundo as Escrituras e examinando nossas próprias posições também.



Rev. William Steigenberger de Souza é teólogo, pastor e Matemático. Bacharel em Matemática, pela UEL, em Londrina/PR. Bacharel em Teologia, pelo Seminário Presbiteriano JMC, em São Paulo/SP. Licenciando, pela Faculdade São Luís de Jaboticabal. Pastor da 2ª Igreja Presbiteriana de Jaboticabal/SP. Casado com Ariani Cristiani Graciani Steigenberger.

A NECESSIDADE DE PLANTAÇÃO E PLANTADORES DE IGREJAS



Quando a Igreja sucumbe às filosofias de marketing, ela substitui a dependência do Evangelho por técnicas centralizadas no homem. Em vez disso, temos de convencer-nos de que plantar Igrejas é bíblico; portanto, algo necessário e abençoado pelo Eterno Deus.

O alvo da plantaçāo de igrejas nunca deve ser apenas o começar uma igreja, especialmente se pensamos na Igreja como uma reunião religiosa daqueles que confessam a fé cristã. Já temos muito desse tipo de reunião religiosa! A Igreja, eu insisto, é uma congregação de pessoas regeneradas, reunidas em um pacto mútuo para ouvir a exposição regular da Palavra, exercer disciplina, observar as ordenanças do batismo e da Ceia do Senhor, manter um ministério focalizado intencionalmente no Evangelho (incluindo missões) e organizar a Igreja de acordo com a revelação das Escrituras (ou seja, o governo da Igreja não é deixado ao acaso, e sim determinado pelas Escrituras). Penso que tal coisa [mera reunião religiosa] pode restringir muito do que se realiza em nome do plantar igrejas!

Se ampliarmos nossa visão quanto à plantaçāo de Igreja e incluirmos o mundo, ficaremos pasmados com o crescimento populacional e os grupos étnicos e linguísticos que não têm Igrejas locais. Milhões de novas igrejas são necessárias para satisfazer essa necessidade urgente do Evangelho em todo o mundo.



Não somos uma franquia de alimentos ou uma loja de departamentos que tenta estender sua marca de produtos para outras regiões.

Esse é um assunto mais amplo do que podemos assimilar nesta e na próxima parte deste artigo, ou mesmo nas prioridades das igrejas locais. Portanto, focalizaremos em plantar igrejas em nossa própria comunidade. Pensar em envolver-se na plantação de igrejas é uma idéia realista para a sua Igreja? Frequentemente, relegamos a tarefa de plantar igrejas à diretoria de missões da denominação; mas, isso significa entregar a responsabilidade da Igreja a uma instituição, e não ao organismo vivo da Igreja local. Embora as agências missionárias denominacionais possam facilitar a plantação de igrejas, provendo estudos demográficos, treinamento de líderes e consultas, são as igrejas que plantam novas igrejas. Não podemos ficar satisfeitos por enviarmos algumas ofertas para a denominação, para que eles plantem igrejas. Não, isso é nossa responsabilidade. Talvez não sejamos capazes de estabelecer sozinhos uma Igreja, mas podemos nos unir com outras igrejas parceiras para estabelecermos novas igrejas, centradas no Evangelho.

Hoje, iniciaremos o exame dessa ideia de plantar igrejas tendo em vista o envolvimento de todas as nossas igrejas.

Por que plantar igrejas?



É óbvio que não podemos simplesmente começar uma campanha de plantar igrejas, porque não existem igrejas suficientes. Não somos uma franquia de alimentos ou uma loja de departamentos que tenta estender sua marca de produtos para outras regiões. Somos a Igreja do Senhor Jesus Cristo. Fomos comprados por preço, o sangue de Cristo. Fomos estabelecidos pelo Senhor da Igreja como missionários para proclamar o Evangelho. Fomos colocados de modo estratégico como sal e luz no mundo. Um dia nos reuniremos coletivamente diante do trono de Deus e do Cordeiro e exultaremos para sempre em sua graça. Então, o que fazemos é bem diferente do mercado de marketing. Quando a Igreja sucumbe às filosofias de marketing, ela substitui a dependência do Evangelho por técnicas centralizadas no homem. Em vez disso, temos de convencer-nos de que plantar igrejas é bíblico; portanto, algo necessário e abençoado pelo Eterno Deus.

Preocupações bíblicas e teológicas

Minha firme convicção, resultante do estudo das Escrituras, é que não podemos ter uma teologia ou uma metodologia correta de evangelismo sem a Igreja. Não estou dizendo que as pessoas só podem ser salvas se fizerem parte de uma estrutura eclesiástica. Contudo, estou dizendo que nosso evangelismo tem de ser feito no relacionamento com a Igreja.

Leon Morris escreveu: “A salvação é social. Envolve todo o povo de Deus”. Ele prossegue e explica a continuidade de crentes no Antigo e no Novo Testamento. Mais do que isso, temos continuidade com aqueles que vivem presentemente, de modo que somos salvos em relacionamento com a Igreja!

Plantar igrejas não é um fenômeno novo. Originou-se quando o Evangelho se moveu de Jerusalém para a Judéia, Samaria e as partes mais remotas da terra. O livro de Atos apoia o plantar igrejas! Embora alguns possam sugerir que é imprudente construir uma teologia baseada no livro de Atos, quando pensamos no assunto de plantar igrejas, é ali que encontramos a maioria das evidências dessa obra. Ainda que Atos não tenha sido escrito na forma de epístola, as suas narrativas nos mostram - sem os detalhes - Igrejas sendo plantadas uma após outra, à medida que os crentes evangelizavam o mundo. Eles não sabiam nada sobre expandir a evangelização sem a plantaçāo de igrejas. A comissão que Cristo deu à sua Igreja, descrevendo o mandato missionário, não pode ser cumprida sem a plantaçāo de igrejas (ou seja, se não existe alguma Igreja entre os povos evangelizados). Mateus 28:19-20 demanda o fazer discípulos, o batizar e o ensinar continuamente os crentes, a fim de que aprendam fidelidade e obediência ao Senhor da Igreja.

É impossível que o breve relato, apresentado cuidadosamente por Lucas, sobre a plantaçāo de igrejas nas Quatro Regiões não tivesse mais do que um mero interesse histórico e arqueológico. Assim como o restante das Escrituras, o referido trecho foi “escrito para o nosso ensino”. Certamente, o seu propósito era ser algo mais do que uma história emocionante de um homem extraordinário, fazendo coisas extraordinárias, em circunstâncias extraordinárias - uma história da qual, posteriormente, as pessoas não obteriam mais instrução do que a receberiam da história de El Cid ou das façanhas do rei Arthur. Foi escrito realmente com o propósito de prover luz ao caminho daqueles que viriam depois.

Com isso em mente, façamos uma análise rápida do livro de Atos e vejamos as implicações e as evidências de plantaçāo de Igrejas que ali encontramos. Atos 1:8 reitera a Grande Comissão já mencionada. Cristo não designou a Igreja para obter decisões, e sim para fazer discípulos sob o poder do Espírito Santo. Essa obra não pode acontecer sem que congregações assumam o papel de fazer discípulos, instruir constantemente, exigir responsabilidade e praticar a disciplina corretiva dos crentes. Atos 2:37-47 mostra o começo da Igreja em Jerusalém, manifestando todos os elementos que Jesus recomendou na Grande Comissão. Eles fizeram discípulos por meio da pregação clara do Evangelho, ministrada por Pedro e os apóstolos. Batizaram os novos

crentes (v. 41) e persistiram no ensino sistemático (v. 42) e na expansão evangelística regular (v. 47). A perseguição surgiu depois da morte de Estêvão, pela qual a Igreja de Jerusalém foi dispersa “pelas regiões da Judéia e Samaria” (At 8:1). “Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra” incluindo Filipe, que pregou o Evangelho em Samaria e estabeleceu a primeira Igreja entre os samaritanos (At 8:4-24).

Embora sempre desejemos mais comentários, os escritores bíblicos nos dão apenas o que necessitamos. Depois da conversão de Saulo, Lucas comentou: “*A Igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando o temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número.*” (Atos 9:31). Por meio dessa afirmação notável, Lucas condensou em um versículo o primeiro movimento de plantaçāo de igrejas na Igreja Primitiva. A Igreja, vista como o Corpo de Cristo, continuava a crescer corporativamente, enquanto congregações locais eram estabelecidas em Jerusalém, na Judéia, Galiléia e Samaria.

Ao narrar a conversão de Cornélio, Atos 10 nos mostra o começo da Igreja em Cesareia, uma Igreja estabelecida com os novos crentes gentios. Pedro ordenou o batismo daquelas pessoas, que evidenciavam ter nascido de novo (v. 48). Atos 11:19-26 nos conta a história de como o Evangelho chegou a Antioquia. A Igreja de Jerusalém foi informada das notícias sobre esse movimento do Evangelho e lhes enviou Barnabé para liderá-los. Ele, por sua vez, procurou Saulo de Tarso, a fim de auxiliá-lo. Juntos, “*por todo um ano, se reuniram naquela Igreja e ensinaram numerosa multidão*”, (Atos 11:26). Admirável é o fato de que Lucas não precisou parar o relato e explicar a grande expansão das novas Igrejas. Ele apenas afirmou o óbvio.

Dentre as igrejas gentílicas do século I, a de Antioquia foi a que estabeleceu novas igrejas mais do que qualquer outra. Como Igreja enviadora, eles comissionaram Paulo e Barnabé a levarem o Evangelho à região da Galácia. Vemos que eles plantaram Igrejas em Antioquia da Pisídia (Atos 13:44-49), Derbe, Lísstra e Icônio (Atos 14:20-21). Não deixaram as Igrejas sem liderança e estrutura. “*E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encorajaram ao Senhor em quem haviam crido*”, (Atos 14:23). Esses primeiros missionários consideraram a estrutura de liderança uma marca essencial das igrejas cristãs.

A carta que os apóstolos e presbíteros de Jerusalém mandaram às novas igrejas, a fim de corrigir o problema semeado pelos judaizantes, foi dirigida “*aos irmãos de entre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia*”, (Atos 15:23). Isso evidenciou que havia igrejas plantadas nas

regiões da Síria e da Cilícia, sendo Antioquia a capital. Paulo e Silas levaram a carta às igrejas estabelecidas na região da Galácia, “*para que... observassem as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém*”, (Atos 16:4). O movimento do Evangelho para além da Galácia (a moderna Turquia), chegando à Europa, aconteceu com a visão da chamada de Paulo à Macedônia, para que os ajudasse (16:9). Consequentemente, a primeira igreja da Europa foi estabelecida em Filipos (16:11-40). De Filipos, as igrejas chegaram a Tessalônica e Beréia (17:1-15), Corinto e Éfeso (18:1-11; 19:1-10). Indicações de Igrejas em Trôade (20:7-12), Tiro (21:3-5), Ptolemaida (21:7) e Cesaréia (21:8-14) demonstram que, onde o Evangelho penetrava com poder, igrejas eram implantadas. Quando Paulo chegou em Roma (Atos 28:15-16), encontrou-se com “*os irmãos*”, uma maneira simples de se referir à igreja já estabelecida na capital.

As epístolas nos dão evidência de igrejas na Galácia, Éfeso, Filipos, Colossos, Laodicéia (Colossenses 4:16), Tessalônica e Creta (Tito 1:5), bem como das congregações dispersas às quais Tiago e Pedro escreveram, inclusive aquelas localizadas no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1 Pedro 1:1). Em Apocalipse 1:11, João identificou sete igrejas específicas na Ásia Menor, incluindo Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia. Nossa Senhor se dirigiu às sete igrejas para abordar questões específicas de doutrina, disciplina, perseguição, pureza e assuntos pertinentes a cada uma delas, que haviam sido estabelecidas por Paulo ou qualquer outro dos evangelistas da igreja primitiva (Apocalipse 2-3). Aonde quer que os discípulos fossem dispersos com o Evangelho, eles procuravam estabelecer novas Igrejas.

Essa análise da plantação de igrejas no livro de Atos, com evidências adicionais das epístolas, indica o padrão da expansão do Evangelho para cada época. Felizmente, visto que muitas igrejas têm sido plantadas ao redor do mundo, unindo novos crentes em igrejas estabelecidas. A propagação do Evangelho acontece a partir de igrejas evangélicas já existentes. Onde não há congregações, podemos insistir que ali não há evangelismo bíblico apropriado, até que Igrejas sejam plantadas tendo em vista o crescimento permanente, a nutrição e o ministério dos novos crentes. Abolir a plantação de igrejas, enquanto nos envolvemos em obras evangelísticas em áreas que carecem de Igrejas centradas no Evangelho, significa não compreender o ensino concernente à evangelização bíblica. Os novos crentes precisam ser integrados em rebanhos locais, e,

onde não houver um rebanho, o plantador-evangelista sábio estabelecerá novas igrejas. Sua obra não é completa até que uma igreja ali exista, para nutrir e envolver os novos crentes no ministério do Evangelho.

Muitos têm vagueado pelo mundo, pregando a Palavra, não lançando nenhum alicerce firme, não estabelecendo nada permanente, não deixando após si uma Igreja instruída; e têm reivindicado para seus absurdos a autoridade de Paulo... pessoas têm adotado os fragmentos dos métodos de Paulo e tentado incorporá-los aos seus sistemas esquisitos; e o fracasso resultante têm sido usado como argumento contra os métodos do apóstolo.

Por exemplo, pessoas têm batizado convertidos não devidamente instruídos, e esses convertidos, analfabetos de Bíblia, têm abandonado o Evangelho; mas, Paulo não batizava convertidos não instruídos sem usar como base um sistema de responsabilidade mútua que garantisse inicialmente a instrução deles. O resultado disso é que crentes despreparados geram congregações fracas. Paulo plantava igrejas e não as deixava, até que estivessem plenamente equipadas para seguirem sua caminhada sozinhas e assim, plantarem novas igrejas.

Quando observamos a metodologia de Paulo na Evangelização, descobrimos que ela se focalizava na plantação de Igrejas. Plantar igrejas não era um subproduto da evangelização de Paulo; antes, era o seu ponto central.

Se em determinada área não existem igrejas centradas no Evangelho, a plantaçāo de uma igreja tem de ser empreendida, e a obra de reforma precisa ser levada avante, para trazer vida a igrejas letárgicas e teologicamente anêmicas. Em outras palavras, nosso alvo não deve ser apenas ganhar convertidos, e sim fazer discípulos - e isso não pode ocorrer sem a existência de Igrejas.

Espero que este artigo tenha abençoado e edificado você. Nos vemos no mês que vem, quando será publicada a segunda parte.



Rev. Magno Vinícius Paterline é pastor na Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos/SP. Professor de Sociologia e Atualidades no Colégio Liceu, em Barretos, casado com Fabiana Feliciano e pai de Manassés e Rebeca.

SIC MUNDUS CRIATUS EST

A TEORIA DA TERRA JOVEM

A pedido do editor-chefe da revista, o amigo e irmão Marcos Motta, na primeira edição da coluna Ciência e Fé Cristã, trataremos da questão da *terra jovem*, um tema pouco falado com seriedade e respeito, muito mais pelos apologetas envolvidos no assunto. A questão é que os ânimos se afloram, e aquilo que deveria ser nada mais do que hipóteses sobre a grandeza das Escrituras, que não podemos compreender totalmente, torna-se uma arena de gladiadores sobre teorias sem o completo respaldo bíblico, onde irmãos apenas ofendem uns aos outros, ferindo a unidade do Corpo de Cristo que deve ser preservada. Nestes singelos artigos, vamos falar sobre as hipóteses de origem da Vida, terra, e ser humano.

Todos nós sabemos que foi o nosso Senhor quem nos criou. Mas, como? Em quanto tempo? Por meio de quais fundamentos? Como que tudo foi estabelecido? O que veio primeiro? As teorias, quando levantadas, tendem a explicar essas perguntas. Devemos ter em mente que, se fosse o propósito da Escritura nos dizer como tudo isso foi feito, ela teria dito, pois é infalível. Todavia, esse não é o foco do texto bíblico. O texto bíblico existe para nos dizer quem criou, e não exatamente e propriamente como criou, e objetivo do Criador nisso, não Seus métodos. Por isso, toda e qualquer teoria sobre a origem da vida, que foque em métodos e conceitos, não passa de especulação sobre a Bíblia, e não exposição teológica de fato.

Independentemente do que foi dito acima, o estudo sobre as origens de tudo é um estudo louvável, pois nos ajuda a mostrar que o ensino científico pode e deve ser colocado junto às Escrituras, subordinado à ela, para contribuir com uma exposição clara, pura e santa dos fatos. Assim como a antropologia, a história e a arte

passaram, e ainda passam, por belos momentos quando baseados na Escritura, a ciência pode seguir o mesmo curso. Quando colocamos as Escrituras Sagradas como molde, como óculos, como lâmpada para nossos caminhos na ciência, na cultura e na sociedade, estamos praticando a cosmovisão cristã. E é essa cosmovisão cristã na ciência que nos auxilia a não cairmos na tentação do aborto como saúde pública, da ideologia de gênero como ciência e da legalização de narcóticos sem efeito realmente comprovado como medicina.

Devemos tomar muito cuidado. Há uma linha muito tênue entre usar a ciência a base das escrituras e negar a suficiência de Cristo.

Nesta coluna, nós vamos passear por entre os quatro pontos de vista diferentes a respeito da origem de tudo. Gostaria de agradecer a uma amiga, por ter me emprestado seu livro “A origem”, publicado no Brasil pela editora Thomas Nelson, em parceria com a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência. Obrigado Débora, Deus abençoe sua vida. No livro em questão, são levantadas, como disse no começo deste parágrafo, quatro pontos de vista, quatro teorias, quatro visões sobre a origem do universo. São elas: o Criacionismo da Terra Jovem, o Criacionismo (progressivo) da Terra Antiga, a Criação Evolucionária e o Design Inteligente.

Em cada um dos próximos meses, passaremos por um desses temas, e vamos começar, neste mês, pelo Criacionismo da Terra Jovem.

Criei um título para essa sequência: *Sic mundus criatus est*. Talvez, você, leitor, já tenha visto essa referência na Cultura Pop, ainda mais com o surgimento da série alemã “Dark”. “Assim, o mundo foi criado”, em uma tradução mais literal e grosseira. Perdoem meu latim,

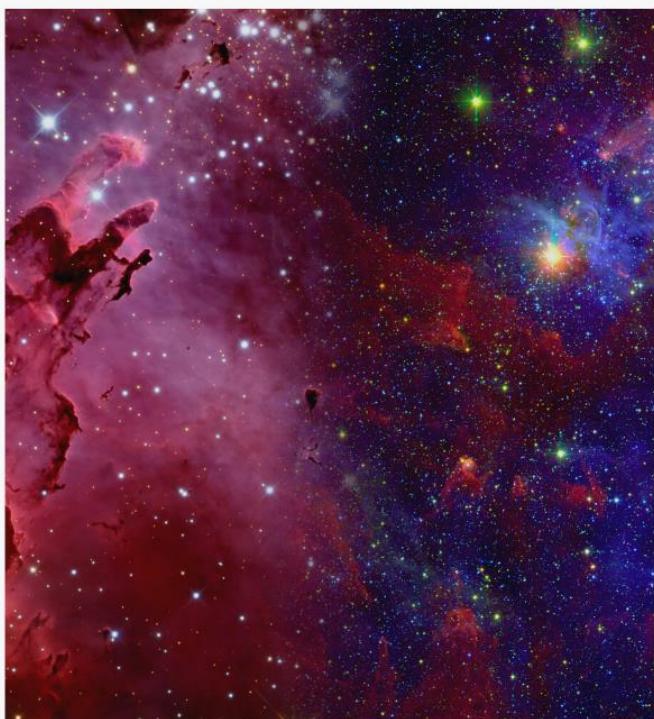
não é dos melhores – ou, talvez, meu português. Mas, este é um nome praticamente perfeito para nossa sequência de artigos.

Antes do artigo propriamente dito, vale gastarmos algumas linhas para esclarecermos o que é uma teoria científica: diferente do que conhecemos por teoria na história ou na filosofia, na ciência, em geral, teoria é algo baseado em fatos, evidências concretas, tentativa e erro, e comprovação, baseadas em questões visíveis, como, por exemplo: é uma teoria a existência dos dinossauros, afinal, há fosseis. A única diferença de uma lei, é que as leis são baseadas em números, como a lei da gravidade. Resumindo, é isso: uma teoria científica é baseada em evidências palpáveis e fatos, quer sejam eles históricos ou naturais, e a lei, baseada em números, quantificação, estatística.

Sem mais delongas, vamos para o primeiro tema, nessa primeira edição: o

Criacionismo da Terra Jovem

A principal base de argumentos da teoria da terra jovem é que o mundo, ou, na realidade, todo o universo (mas, vamos nos concentrar no Planeta Terra), foi criado única e exclusivamente em seis dias. Além disso, há a argumentação da ordem da criação, a criação sobrenatural, a criteriosidade das genealogias bíblicas, a questão da morte antes da Queda, o Dilúvio e a confirmação dos profetas, além de essa teoria se utilizar de algumas bases inteiramente científicas para algumas de suas afirmações. Como já disse, meu intuito não é refutar ou comprovar a teoria, mas expor os seus argumentos, todavia, creio que no fim dos quatro artigos, minha posição pessoal será um tanto clara.



A Criação em seis dias: usando a argumentação que Gênesis 1-11 é um relato inteiramente histórico, assim como Gênesis 12, Números, Josué, 1 e 2 Reis, entre vários outras passagens. Além disso, a palavra hebraica utilizada para dia no texto bíblico, *yom*, seria uma palavra empregada em seu sentido literal pelos autores bíblicos por inspiração de Deus. Em todos os locais em que esta palavra é encontrada no texto bíblico, ela simbolizaria um dia de 24 horas. Esse é um breve resumo sobre a idéia dos dias literais, em Gênesis 1.

A ordem das coisas criadas: mais uma vez apelando para a literalidade do texto, no que se refere à ordem da Criação, os adeptos desta teoria apelam para a tese de que a ordem da Criação no texto bíblico é diferente da ordem ou progressão evolucionária. Por exemplo, a Terra criada antes da luz, das estrelas, do sol (que também é uma estrela). Todas as plantas terrestres criadas antes dos animais marinhos, entre outros efeitos “anti-evolucionários”.

A Criação de forma sobrenatural: “*E Deus disse*”. Essa é a base desse argumento, ainda baseado na interpretação literal do texto bíblico. É Deus criando todas as coisas, fugindo às regras naturais estabelecidas por Ele próprio (o que Ele realmente pode fazer, como já fez - há relatos bíblicos disso). Esse argumento joga toda a Criação em uma ordem sobrenatural, criando já todas as coisas já em formas adultas, ou pelo menos, maduras, dentro de seus termos.

Rigorosidade das genealogias bíblicas: Basicamente, esta teoria aceita que as genealogias são perfeitas e completas, registrando todas as pessoas viventes nos respectivos períodos retratados nelas. Uma ideia arriscada, e bem radical, que deixa para trás um rastro de problemas óbvios – inclusive, muitos criacionistas da terra jovem, deixam esse argumento de lado. Mas, como disse, não pretendo refutar, mas apenas expor os pontos.

Não havia morte antes da Queda: não há necessidade de muita explicação sobre. A teoria do criacionismo da terra jovem, basicamente, não apoia a idéia de que existia morte, em nenhum nível, antes do Pecado Original, da queda do homem, sendo necessária a morte espiritual antes da morte natural – o que acontece a partir do primeiro pecado. É uma bela ideia, mas complexa, que gera vários problemas de âmbito natural, sendo necessário realmente a intervenção de um grande milagre divino para sustentar um período, mesmo que

curto, sem morte. O que pode ser feito, afinal de contas, Deus intervém como e onde quiser.

O Dilúvio de Noé: Histórico, global e catastrófico. Esses três pontos, levantados por Ken Ham, defensor da visão que estamos vendo nesse artigo, e que discorreu no livro já citado em algum dos intermináveis parágrafos iniciais. Devemos crer na historicidade do Dilúvio, independentemente da nossa teoria? Sim. Devemos crer que ele cobriu toda a terra? Sim. Que foi uma catástrofe? Oras, se ele cobriu toda a terra, sim, foi catastrófico. É um excelente argumento, mas que pode ser aceito em qualquer uma das teorias.

Confirmação da teoria por Jesus, Isaías e os Apóstolos: na realidade, os defensores da teoria em exposição afirmam que sua posição não contraria o levante bíblico sobre essa questão. E essa é uma verdade: nenhum dos pontos citados anteriormente se levanta contra essa hipótese. Porém, nunca foi o intuito de Deus, na Bíblia, revelar o seu ponto de vista sobre essas questões, e sim transmitir tudo o que precisamos saber sobre a redenção, salvação, castigo, etc.

Essas são as bases dos argumentos da teoria do criacionismo da terra jovem. Como disse, não pretendi refutá-los e, muito menos, discorrer e aprofundar sobre estes pontos. Se o tema lhe interessou, vale lembrar que é a teoria mais antiga referente à origem da vida e ao processo de Criação. Afinal, é a que menos precisa de envolvimento científico. É uma teoria bíblicamente sustentável, não há nada anti-bíblico ou herético nela, inclusive ela sustentou-se por muitos anos. Porém, com o crescimento científico, exige um pouco mais de “trabalho teológico”, o que fez com que outras teorias surgissem e crescessem, principalmente em círculos não cristãos. Não há nenhum problema de apoiar a ideia da teoria da terra jovem, porém, no patamar científico, há outras formas de se pensar, que fazem com que tal teoria, para grande parte da comunidade “científico-filosófica”, se pareça como algo infantil, ou até mesmo obsoleto. Se me permitem uma opinião pessoal, esse não é meu ponto de vista preferido, muito longe disso.

No decorrer dos próximos meses, aqui na Revista Fé Cristã, conhceremos os demais pontos de vista. Tentei não ser “ácido”, isto é, tentei manter uma linha de

pensamento “mansa e suave”, a fim de comunicar de maneira imparcial os pontos básicos da linha de pensamento em voga neste artigo. E usarei parte dessa exposição nos próximos artigos para explicar os demais pontos de vista [como critério comparativo, é claro, não depreciativo]. Que Deus abençoe a vida de todos, até o próximo mês! Tentem não causar confusão em vossas igrejas sobre o assunto...



Sthaner Mendes de Sousa, 26 anos, é membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos-SP, licenciado em Ciências Biológicas, pelo IFSP – campus Barretos-SP.

Direitos e garantias fundamentais como um legado cristão

O objetivo deste pequeno ensaio é demonstrar a influência cristã no desenvolvimento e consolidação dos direitos fundamentais. Direitos tidos como básicos em nossos dias – direito à vida, direito à liberdade, direito à educação, igualdade perante a lei, etc. –, por incrível que possa parecer, não eram a regra no mundo pré-cristão.

O Direito jamais pode ser considerado como um conjunto de normas dissociado dos valores de um povo. Como a expressão de um dever ser, as modalidades deônticas – ordenado, permitido e proibido – refletem a cosmovisão dominante, estabelecendo direitos e deveres dos cidadãos.

Nesse sentido, Miguel Reale, um dos principais juristas brasileiros, definia o direito como “uma integração normativa de fatos segundo valores”. [1] Com isso, o advento e a expansão do cristianismo, carregado com os valores cristãos, mudaram profundamente a expressão jurídica do mundo ocidental, dando origem aos direitos fundamentais.

Abaixo, relaciono alguns aspectos da influência cristã no direito e na sua concretização.

Dignidade da Pessoa Humana

Na base dos direitos fundamentais, a dignidade da pessoa humana, presente na maioria das constituições

contemporâneas, é a pedra fundamental que sustenta todos os demais princípios. O elevado valor da vida também é um legado cristão.

O cristianismo, [2] ao ensinar que o homem foi formado à imagem de Deus, [3] teve papel fundamental para o desenvolvimento da concepção da dignidade da pessoa humana. [4] No início da era cristã, práticas como o infanticídio e a luta entre os gladiadores até a morte eram práticas comuns no Império Romano. [5] Com uma visão elevada da vida humana, os cristãos se insurgiram contra o sistema vigente, como afirma o sociólogo Alvin Schmidt:

“Eles [os cristãos] desafiam todo o sistema moral de Roma [...] O baixo valor da vida entre os romanos era uma afronta chocante para os primeiros cristãos, os quais foram para Roma com uma visão exaltada da vida humana. Como seus antecessores judeus, eles viam os seres humanos como a coroa da criação de Deus; eles acreditavam que os homens foram criados à imagem de Deus [...] Assim, ao contrário dos romanos, os cristãos não sustentavam que a vida era barata e descartável. Ela deveria ser honrada e protegida a todo custo, independentemente de sua forma ou qualidade. Ao fazer isso, eles combatiam muitas depravações que depreciam a vida humana.” [6] (tradução livre)

De acordo com Alvin Schmidt, o infanticídio era tão difundido entre a sociedade Greco-Romana que famílias grandes eram raras. [7] Como afirma Schmidt, as mulheres eram especialmente vulneráveis. [8] Nesse cenário, pontifica Schmidt, a literatura cristã combateu, desde cedo, o infanticídio, sendo a influência do cristianismo a principal força propulsora de muitas das leis que combateram o infanticídio ao redor do mundo. [9] Ademais, relatam Kennedy e Newcombe, muitas das crianças abandonadas para morrer eram salvas pelos cristãos que, desde cedo, fundaram lares, orfanatos e casas de saúde para abrigar as crianças rejeitadas por suas famílias. [10]



Outro desrespeito comum à dignidade humana em Roma era a luta entre os gladiadores, nas quais, antes da influência cristã, os homens eram mortos apenas por esporte. [11] Conforme Schmidt, os gladiadores eram, geralmente, escravos, pessoas condenadas por algum crime ou prisioneiros de guerra. [12] Segundo Kenneth Latourette, Constantino, sob a influência da fé cristã, proibiu a luta entre os gladiadores e extinguíu as penalidades que determinavam que os criminosos virassem gladiadores. [13]

Direito à Educação

Até o advento do cristianismo, a educação estava restrita a uma parcela reduzida da população. A Igreja Cristã também teve um papel fundamental na luta pela universalização da educação. Nesse sentido, relatam Kennedy e Newcombe:

“[...] o fenômeno da educação das massas tem suas raízes no cristianismo. O que não quer dizer que não houve educação antes do cristianismo, só que esta era apenas para a elite. O cristianismo promoveu o conceito de educação para todos. Além disso, a universidade também tem suas raízes na fé cristã. As maiores universidades do mundo foram fundadas por cristãos com propósitos cristãos.” [14]

De acordo com o historiador Thomas Woods Jr., a Igreja desenvolveu o sistema universitário, que começou a ganhar forma na segunda metade do Século XII. [15] Segundo o autor, no final da Idade Média, período comumente chamado de “idade das trevas”, a Igreja já havia fundado oitenta e uma universidades, algumas já conhecidas pela excelência acadêmica como, por exemplo, a Universidade de Bolonha, que se tornou conhecida pela qualidade do curso de direito. [16] Até mesmo a distinção entre os estudos de graduação e pós-graduação já seguia um padrão parecido com o dos tempos atuais. [17]

A título de exemplo da influência cristã na educação, Schmidt afirma que, no ano de 1932, havia cento e oitenta e duas universidades e faculdades nos Estados Unidos. Destas, 92% foram fundadas por denominações cristãs. [18] Outra menção digna de nota, a Universidade de Harvard, talvez a mais famosa da atualidade, foi fundada com doação de dinheiro e de livros feitas pelo reverendo John Harvard. [19][20]

Igualdade Perante a Lei

O conceito de igualdade entre os homens, já presente nos estoicos, ganha força no pensamento cristão. A concepção do homem como sujeito de direitos, fundamentada na doutrina judaico-cristã da imagem de Deus na humanidade, desempenhou um papel fundamental na concepção do homem como sujeito de direitos. Nesse sentido, afirma Ingo Sarlet:

“Do Antigo Testamento, herdamos a ideia de que o ser humano representa o ponto culminante da criação divina, tendo sido feito à imagem e semelhança de Deus. Da doutrina estoica greco-romana e do cristianismo, advieram, por sua vez, as teses da unidade da humanidade e da igualdade de todos os homens em dignidade (para os cristãos, perante Deus).” [21]

Outros exemplos da influência cristã podem ser vistos na elevação do status da dignidade das mulheres, [22] na mudança de tratamento em relação aos escravos,[23] na abolição da escravidão – dois terços da sociedade abolicionista, em 1835, era formada por ministros evangélicos [24] - além disso, um dos principais líderes na luta pela abolição do tráfico de escravos, o político inglês William Wilberforce, sempre demonstrou que a fé cristã que ele possuía foi a mola propulsora de seu trabalho em prol dos escravos –, no cuidado à saúde, que levou ao surgimento de inúmeros hospitais,[25] etc.

Conclusão

Os direitos fundamentais são um legado cristão ao direito contemporâneo. Os valores cristãos elevam a dignidade humana a uma posição de destaque jamais vista anteriormente na história. Pessoas que colocam o cristianismo em oposição aos direitos humanos são ignorantes ou mal-intencionadas. A visão cristã sobre o homem é a maior salvaguarda contra qualquer tipo de violação aos direitos humanos.



Isaac Henrique da Silva Mello é contador (CRC/RS 80.766) e advogado (OAB/RS 102.496); Pós-Graduando em Advocacia Tributária na Escola Brasileira de Direito (EBRADI); Coordenador da Associação Nacional dos Juristas Evangélicos (ANAJURE) no estado do Rio Grande do Sul; Membro da Associação Brasileira de Contribuintes; Presbítero na Igreja Evangélica Assembleia de Deus Distrito Partenon, em Porto Alegre/RS.

NOTAS

[1] REALE, Miguel. Teoria Tridimensional do Direito. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 1994, p. 91.

[2] Evidentemente, muitos valores cristãos já estavam presentes no interior do judaísmo, daí porque se costuma falar em tradição judaico-cristã. Todavia, foi através do cristianismo, principalmente, que esses valores se incorporaram na história da civilização ocidental. Nesse sentido, escreveu o humanista Will Durant: “Ciência grega e filosofia, cristianismo greco-judaico, democracia greco-romana e Lei Romana: eis os supremos legados que recebemos do mundo antigo”. (DURANT, Will. História da Civilização: César e Cristo. Trad. Mamede de Souza Freitas. v.III. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1971, p.318, ênfase acrescentada).

[3] Cf. “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (BÍBLIA. A.T. Gênesis. Português. Bíblia sagrada. Versão de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, Cap. 12, vers. 27).

[4] SCHMIDT, Alvin J. How Christianity changed the world. Grand Rapids: Zondervan, 2004, p.48 et.seq.

[5] Cf. SCHMIDT, op. cit., p. 48 et.seq.; KENNEDY, James; NEWCOMBLE, Jerry. E se Jesus não tivesse nascido? Trad. James Monteiro dos Reis e Maura Nassetti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.23 et.seq.

[6] “They defied the entire system of Rome’s morality [...] The low value of life among the Romans was a shocking affront to the early Christians, who came to Rome with an exalted view of human life. Like their Jewish ancestors, they saw human beings as the crown of God’s creation; they believed that man was made in the image of God [...] Thus, unlike the Romans, Christians did not hold human life to be cheap and expendable. It was to be honored and protected at all costs, regardless of its form or quality. By doing so, they countered many depravities that depreciated human life.” (SCHMIDT, op.cit., p.48,49).

[7] SCHMIDT, ibidem., p.49.

[8] Cf. Jack Lindsay, inscrições datadas do segundo século, localizadas na cidade de Delfos, indicaram que, de uma amostra de seiscentas famílias, apenas um por cento tinham mais de uma filha (LINDSAY, Jack apud SCHMIDT, op.cit., p.49).

[9] Ibidem., p.51, 52.

[10] KENNEDY, James; NEWCOMBLE, Jerry. E se Jesus não tivesse nascido? Trad. James Monteiro dos Reis e Maura Nassetti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.26, 27.

[11] Ibidem., p.39.

[12] SCHMIDT, op.cit, p.61.

[13] LATOURETTE, Kenneth Scott apud KENNEDY; NEWCOMBLE, op.cit., p.40.

[14] Ibidem., p.63.

[15] WOODS Jr., Thomas E. Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental. Trad. Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante, 2008, p.46.

[16] Ibidem., p.47 et.seq.

[17] Ibidem., p.51.

[18] SCHMIDT, op. cit., p.190.

[19] Cf. Paul Lee Tan, a seguinte mensagem está gravada em pedra na entrada de Harvard: “Depois de Deus haver nos trazido em segurança à Nova Inglaterra, de havermos construído nossas casas, provido as necessidades da nossa comunidade, construído templos para adorarmos a Deus, e estabelecido um governo civil, um dos nossos próximos anseios e pelo qual lutamos foi um aprendizado avançado, e sua perpetuação para a prosperidade; com a preocupação de não deixar um pastor sem conhecimento para as igrejas, quando os pastores de hoje repousarão no pó.” (TAN, Paul Lee apud KENNEDY, James; NEWCOMBLE, Jerry. E se Jesus não tivesse nascido? Trad. James Monteiro dos Reis e Maura Nassetti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.77).

[20] Ibidem., loc.cit.

[21] SARLET, Ingo Wolfgang. A Eficácia dos Direitos Fundamentais: uma teoria geral dos direitos fundamentais na perspectiva constitucional. 12.ed. rev. atual e ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2015, p.38.

[22] STARK, Rodney. O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2006, p.111 et.seq.

[23] BÍBLIA. N.T. Filemom. Português. Bíblia sagrada. Versão de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, Cap. 1, vers. 8-18.

[24] KENNEDY; NEWCOMBLE, op.cit., p.38.

[25] SCHMIDT, op.cit., p.151 et.seq.



GABRIEL FERREIRA

DESIGNER GRÁFICO | FREELANCER

Olá, sou Gabriel Ferreira, designer freelancer e criador da capa.
Inspiro-me no melhor designer e criador de todo universo, nosso Deus.

Te convido para conferir minhas redes sociais e acompanhar um pouco mais do meu trabalho.



/gfdesigner



@gsfdesigner